



JESUÍTAS BRASIL

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

RAIMUNDO BATISTA ALMEIDA

**DOM QUIXOTE À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO DE
MICHEL PÊCHEUX**

RECIFE
2013

RAIMUNDO BATISTA ALMEIDA

**DOM QUIXOTE À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO DE
MICHEL PÊCHEUX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

RECIFE
2013

A447d

Almeida, Raimundo Batista

Dom Quixote à luz da análise do discurso de Michel Pêcheux / Raimundo Batista Almeida ; orientador Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo, 2013.

86, [2] f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Ciências da Linguagem, 2013.

1. Análise do discurso. 2. Cervantes, Saavedra, Miguel de, 1547-1616 - Crítica e interpretação. 3. Pêcheux, Michel, 1938-1983. I. Título.

CDU 801

DOM QUIXOTE À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO DE MICHEL PÊCHEUX

ORIENTANDO: RAIMUNDO BATISTA ALMEIDA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. NADIA PEREIRA DA SILVA GONÇALVES DE AZEVEDO

Dissertação submetida à Banca Examinadora do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, na Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos necessários para obter o Título de Mestrado em Ciências da Linguagem.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo- Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria de Fatima Vilar de Melo - UNICAP

Prof^a. Dr^a. Silmara Cristina Dela da Silva – Membro Externo UFF

RECIFE-PE

2013

LA SANGRE DEL ESPÍRITU

La sangre de mi espíritu es mi lengua
Y mi patria es allí donde resuena
Soberano su verbo que no amengua
Su voz por mucho que ambos mundos llene.

Ya Séneca la preludió aun no nacida,
Y en su austero latín ella se encierra;
Alfonso a Europa dio con ella vida,
Colón con ella redobló la tierra.

Y esta mi lengua flota como el arca
De cien pueblos contrarios y distantes,
Que las flores en ella hallaron brote

De Juárez y Rizal, pues ella abarca
Legión de razas, lengua en que Cervantes
Dios le dio el Evangelio del Quijote.

Miguel de Unamuno (pensador e filósofo español do século XX)

AGRADECIMENTOS

A Deus nosso Pai, a Jesus nosso irmão maior e os espíritos do bem que me iluminaram nos momentos difíceis.

A todos aqueles que me ajudaram direto ou indiretamente, a tecer essa história tão pecheutiana e tão cervantina, tão universal e tão minha.

Às professoras doutoras Silmara Cristina Dela da Silva e Maria de Fátima Vilar de Melo, pelas valiosas sugestões no exame de qualificação.

Às amigas: Adelina Pérez Blaya,

Glaucya Gislayne Brito,

Graci Liberato.

À Universidade Federal do Ceará, pela confiança em mim depositada.

À Universidade Católica de Pernambuco, pelo tratamento que me foi dado.

A minha família:

À Minha mãe, Luiza Batista Mota.

Às minhas filhas, Lu e Lis.

Aos meus netos João e Davi, os filhos da Lis.

Ao meu genro Marcelo, o pai do João e do Davi.

Ao Colégio Miguel de Unamuno, instituição fundada por mim e minha esposa, que custeou-me com uma bolsa de estudos durante este período.

À minha esposa, professora Yêda Maria de Oliveira Batista, a grande incentivadora da minha trajetória até aqui, minha professora de espanhol, mãe da Lu e da Lis, avó do João e do Davi, continuação dessa nossa existência terrena, os frutos que geramos para o mundo.

A professora doutora Nadia Azevedo, minha orientadora, que com seu olhar de analista me fez ver os fios invisíveis de AD unirem-se aos sonhos de DQ, que se entrelaçaram gerando um novo saber. Muito obrigado pela paciência, respeito e dedicação, sempre com um sorriso e palavras de estímulo e encorajamento.

“El Quijote es la última y más sublime palabra del pensamiento humano”.

Dostoiewski

RESUMO

Este estudo trata de uma análise de recortes discursivos dos capítulos II, III, IV, V e VIII do tomo I da obra Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes. A escolha desta obra se deu por ser a mais importante da literatura espanhola, e ademais, um importante livro de ficção da literatura mundial. Para tanto, fundamentamo-nos em vários estudiosos da obra de Cervantes; entre eles, Basanta, Rico e Riquer, por serem dirigentes das edições comemorativas dos 400 anos da obra em estudo. A ousadia deste trabalho é compreender a obra em questão, sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa, teoria e dispositivo de análise do estudo. Salientamos que a teoria foi fundada por Michel Pêcheux, na França, em fins dos anos sessenta e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi e seguidores. Dessa forma, o trabalho pretende analisar segmentos discursivos específicos de alguns capítulos do tomo I da obra indicada acima. Especificamente, visa a identificar efeitos da interdiscursividade, formações discursivas, ideológicas e imaginárias nos recortes constituídos, bem como estabelecer uma aproximação entre Dom Quixote e a Análise do Discurso. As análises realizadas indicam que o discurso do cavaleiro Dom Quixote gera o efeito de combater as injustiças sociais e Cervantes trabalhou com as novelas de cavalaria em forma de humor, visando a passar, sem censura, pela Inquisição. Concluimos a dissertação afirmando que este trabalho não finaliza por aqui, devendo ser aprofundado em futuros estudos de doutorado e em artigos científicos. Da mesma forma, esperamos que seja um caminho para novas pesquisas, que associem a Análise do Discurso e a literatura.

Palavras-chaves: Análise do Discurso, Michel Pêcheux, Don Quixote, Inquisição.

ABSTRACT

This study is an analysis of discursive clippings of Chapters II, III, IV, V and VIII of Volume I in *Don Quixote de la Mancha* by Miguel de Cervantes. The choice of this work was made because it is the most important of Spanish literature, and moreover, an important fiction book of world literature. Therefore, we based on several works of Cervantes scholars, among them Basanta, Rico and Riquer; leaders of commemorative editions of 400 years of the work in study. The boldness of this work is to understand the work in question, from the perspective of discourse analysis of the French line, theory and device of the analysis in study. We emphasize that the theory was founded by Michel Pecheux, in France, in the late sixties and developed in Brazil by Eni Orlandi and followers. Thus, the study aims to examine some specific discursive segments of a few chapters of Volume I in the above mentioned work. It aims specifically, to identify effects of interdiscourse, discursive, ideological and imaginary formations in the cutouts as well as to establish approaching between *Don Quixote* and Discourse Analysis. The analyzes indicate that *Don Quixote* the knight's speech creates the effect of combating social injustice and that Cervantes worked with the novels of chivalry in the form of humor, aiming to pass by the Inquisition without censorship. We so conclude the thesis stating that this work does not end here, and must be deepened in future doctoral studies and scientific articles. Likewise, we hope it will be a path for further research, involving Discourse Analysis and literature.

Keywords: Discourse Analysis, Michel Pêcheux, *Don Quixote*, Inquisition.

LISTA DE ABREVIATURAS

AAD	Analyse Automatique du Discours
AD	Análise do Discurso
CSIC	Consejo Superior de Investigación Científico
DQ	Dom Quixote
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Ideológica
FIm	Formações Imaginárias
ICI	Instituto de Cooperación Iberoanoamericana
RAE	Real Academia Española
UFC	Universidade Federal do Ceará
UGC	Universalidade Gráfica Cultural
UMA	Universidad de Málaga
UNIA	Universidad Internacional de Andalucía

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS (BATALHAS INICIAIS)	13
CAPÍTULO I: ENTRE UMA LONGA DISTÂNCIA E UMA ESTREITA CONECÇÃO: OS SÉCULOS XVII E XX SE DÃO AS MÃOS	18
1.1. Dom Quixote: o andante entre a fé e a ilusão: em busca de liberdade	18
1.2. Análise do Discurso de Linha Francesa	32
1.3. Articulação de Cervantes e sua obra e a Análise do Discurso de Linha Francesa	42
CAPÍTULO II: NO FIO DA ESPADA: UMA TEORIA E UM MÉTODO DE PESQUISA	50
2. 1. Modelo conceitual	50
2. 2. Seleção dos recortes discursivos	52
2. 3. Constituição do corpus	55
CAPÍTULO III: ANÁLISE DE CORPORA DISCURSIVOS DE DOM QUIXOTE	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS (BATALHAS FINAIS)	79
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICES	86

CONSIDERAÇÕES INICIAIS (BATALHAS INICIAIS)

“Cada uno es artífice de su propia ventura”.

Miguel de Cervantes

“Desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-la, nem no qualquer coisa de um discurso sobre o universal”

Michel Pêcheux

Meu interesse pela língua espanhola surgiu no final do ensino médio, e, no início dos anos 70, quando me matriculei na Casa de Cultura Hispânica da Universidade Federal do Ceará (UFC) para estudar espanhol, mas o objetivo era outro: “passar no vestibular”. Ao ingressar no curso superior, não consegui conciliar as duas coisas; o estudo da língua de Cervantes ficou para depois, pois o objetivo tinha sido alcançado: estudar matemática. E para que estudar línguas, quando se estuda ciências exatas? Este era o meu argumento ao iniciar um novo curso, embora, não aconteça o mesmo com o destino, pois, ao terminar matemática, no início dos anos 80, reiniciei o curso de espanhol, com um novo sonho: fazer letras e, ao concluir o que havia deixado para trás, o espanhol, em nível de extensão, resolvi ampliar: licenciatura em Letras com habilitação em português e espanhol. Novo desafio, duas licenciaturas; dava aula de matemática e espanhol.

No final desta década, fui contemplado com uma bolsa de estudos do Instituto de Cooperación Iberoamericana (ICI) em Madri, Espanha e o título ali obtido sobre o curso *Língua e Literatura Espanhola*, obtive, no Brasil, a equivalência de especialização. No início dos anos 90, ingressei, através de concurso público para a mesma instituição onde havia feito o primeiro curso de espanhol. No final desta década, recebi nova bolsa, desta vez, do *Consejo Superior de Investigación Científico (CSIC)* para estudar língua e literatura, na cidade de Málaga, sul da Espanha, no *Ayuntamiento de la ciudad*.

E a partir deste novo curso, me apropriei das palavras de Shakespeare *apud* Araújo; Dieb (2007, p.15) e, como ele, pôde dizer: “nós somos feitos do tecido de que são feitos os nossos sonhos”. Nesta busca, encontrei o primeiro

fio para tecer o grande sonho: Dom Quixote, a obra principal de Cervantes; e dela, estudei não só os aspectos literários propriamente ditos, como também os históricos, os psicológicos, os sociais e os ideológicos. Uma das principais matérias estudadas neste curso de Málaga foi “O teatro do Século de Ouro”, gênero cultivado pelo autor da obra em estudo. Tivemos, no elenco das disciplinas, quatro que contemplavam este estudo. Depois de inspirado nessa fonte, passamos a dar cursos no departamento onde trabalhamos, que recebiam o mesmo nome da obra.

Em 2005, por ocasião da celebração dos 400 anos de publicação de Dom Quixote, novos cursos surgiram e, desta vez, na Universidad de Málaga (UMA) e na Universidad Internacional de Andalucía (UNIA), na cidade de Baeza, em Jaén.

Estímulo e curiosidade deram lugar à inquietação científica para desvendar os diversos caminhos já trilhados por muitos. Chegamos à conclusão que Dom Quixote (DQ) é um poço sem fundo e que ao jogarmos nossa rede, encontramos preciosos tesouros. Deparamo-nos com tantos olhares, porém, a grande maioria convergia quase que exclusivamente para a literatura em si. Graças a esses diversos olhares, vimos que através deles também se pode ver para além da literatura, e esta pode unir seus fios a outros fios, compondo uma nova rede que contempla a História, a Sociologia, a Psicanálise. Na confluência dessas teorias, está a Análise do Discurso (AD), ótica a partir da qual nos dedicaremos neste trabalho.

É importante afirmar que nada está isolado, pois tudo se mantém conectado, como salienta Oliveira (2010). Da mesma forma, AD e DQ também podem se conectar. A liberdade de DQ está em suas palavras, mesmo sabendo que “as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 2011, p. 29); pois a ciência, como os homens, não vive isolada, ela se conecta a outras ciências. Nesse sentido, é possível unir literatura e análise do discurso, estudando DQ a partir do olhar discursivo.

Pêcheux era filósofo de formação, mas para compor a sua teoria, se deu conta de que a filosofia sozinha não era suficiente e foi em busca de outros conhecimentos. Assim, fundou a AD como disciplina de entremeio e tendo em seu interesse fundamental a questão do sentido.

De semelhante maneira faz Cervantes, renascentista de formação italiana, sem pretensão de escrever uma novela extensa, fundamenta sua teoria em conhecimentos não somente desta época, como também do Pré e do Pós- Renascimento; como bem nos assegura Jones (1998), Cervantes criou uma obra que serviu de entretenimento em si mesma e de modelo para a futura novela europeia.

Numa pesquisa somos movidos pela curiosidade, e isso nos traz inquietações, que, graças a esse despertar, muitas vezes nos faz mudar de rumo. Quando fizemos a seleção para o mestrado em *Ciências da Linguagem* nunca havíamos estudado Análise do Discurso, apesar da anterior graduação em letras. Na época, não havia esta disciplina em grades curriculares, uma vez que o estudo da teoria discursiva era incipiente no Brasil. Desta forma, o primeiro contato com o tema se deu na leitura de um dos livros indicados para a seleção: “*O discurso*” de Michel Pêcheux.

Um dos requisitos para ingressar na Pós-Graduação, ademais de prova escrita e entrevista, incluía também o projeto e, por ser nossa pesquisa focada em Dom Quixote, apresentamos os *arcaísmos* nesta obra. Na matrícula, entre as disciplinas elencadas, a Análise do Discurso era uma delas; e como o projeto poderia ser mudado, assim o fizemos.

Antes de mudarmos o projeto, consultamos os bancos de dissertações e teses de bibliotecas digitais brasileiras e internacionais e percebemos a escassez de trabalhos sobre Dom Quixote, apoiados na Análise do Discurso pecheutiana. A maioria das pesquisas que envolve a novela de Cervantes tem um olhar voltado para a literatura propriamente dita. Há aquelas que se propõem a estudar DQ a partir de uma análise discursiva, porém nem sempre aplicam a teoria de Michel Pêcheux, priorizando as de Mikhail Bakhtin ou de Michel Foucault. Um exemplo é o trabalho de Marisa Khalil, focado nas teorias de Foucault e Bakhtin, como em seu artigo “As múltiplas vozes autorais em Dom Quixote”.

Para fazer uma aproximação entre AD e DQ ousamos utilizar os autores da AD, Pêcheux, o criador, e seguidores no Brasil, como Orlandi, Gregolin, Ferreira, Indursky, Mussalin e Brandão para analisar a novela de Cervantes. No nosso estudo, discurso e literatura caminharão juntos.

Assim, este trabalho pretende unir dois saberes: a teoria da AD, de Michel Pêcheux aplicada à novela Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, cujo tema envolve estes saberes e, desta maneira, esperamos que a união AD e DQ venha constituir um novo saber.

Na obra em estudo, encontramos um campo profícuo para aplicar a teoria da Análise do Discurso de origem francesa, apesar dos três séculos e meio que os separa. Esta separação é apenas de ordem física e nada impede a multiplicidade dos sentidos que aí estão, uma vez que como afirmamos anteriormente, nada está separado, porque o conhecimento sempre está conectado.

Algumas questões são destacadas no trabalho e pretendemos respondê-las no decorrer do mesmo. Quais as condições de produção da novela Dom Quixote? Que formações discursivas e ideológicas estão presentes na obra? Que exemplos de heterogeneidade discursiva mostrada e constitutiva podemos observar em recortes do texto de Cervantes?

Nesta perspectiva, este trabalho pretende analisar o discurso de recortes dos capítulos: II, III, IV, V e VIII do primeiro tomo da obra Dom Quixote, de Cervantes e especificamente identificar as formações discursivas e ideológicas, as condições de produção e a heterogeneidade discursiva.

Desta forma, a pesquisa está assim distribuída: no primeiro capítulo, será enfatizada a fundamentação teórica que intitulamos de: *“Entre uma longa distância e uma estreita conexão: os séculos XVII (DQ) e XX (AD) se dão as mãos”*. Aqui, estudaremos a obra em destaque, sob diferentes pontos de vista e discutiremos os principais conceitos da AD, formulados por Pêcheux e seguidores, no Brasil.

No segundo capítulo, intitulamos de: *“No fio da espada: uma teoria e um método de pesquisa”* será estudado o procedimento analítico da Análise do Discurso de Linha Francesa, procurando estabelecer o percurso metodológico da pesquisa.

No terceiro capítulo, que tem como título *Análise de corpora discursivos de Dom Quixote*, constituiremos recortes discursivos, conforme determinamos acima, da obra em estudo, e analisarmos à luz dos pressupostos teórico-analíticos da análise do discurso francesa.

Finalmente, trabalharemos as considerações finais, onde responderemos as questões propostas e levantaremos novas possibilidades de trabalho na área.

Dessa maneira, esperamos que esse trabalho contribua para o estudo de um terceiro saber resultante da união dos dois supracitados, uma vez que abordaremos uma linha teórica pouco trabalhada nessa perspectiva: a análise do discurso francesa.

CAPÍTULO I

ENTRE UMA LONGA DISTÂNCIA E UMA ESTREITA CONEXÃO: OS SÉCULOS XVII E XX SE DÃO AS MÃOS

“Dad crédito a las obras y no las palabras”.

Miguel de Cervantes

“A ordem da língua não coincide com a da ideologia,
mas ambas podem ser pensadas com relação
ao registro inconsciente”.

Michel Pêcheux

Este capítulo pretende discutir os caminhos percorridos por Dom Quixote.

Inicialmente, acreditamos ser importante discutir o que dizem estudiosos da novela de Cervantes sobre a literatura e os trabalhos mais atuais acerca do tema, bem como situar o leitor a respeito da obra. Em seguida, a Análise do Discurso de linha francesa será estudada, contemplando Michel Pêcheux, seu fundador, na França, e seus seguidores, no Brasil. Ademais, neste capítulo pretendemos discutir a trajetória pertinente a Cervantes, autor da obra em estudo.

1.1. Dom Quixote: o andante entre a fé e a ilusão: em busca de liberdade

Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) era descendente de judeu pelo lado paterno, viveu com sua família em várias cidades espanholas. Com tantas mudanças, não se sabe se iniciou seus estudos em Valladolid, Córdoba ou Sevilha. Riquer (1970, p.19) afirma que Cervantes não chegara a ser universitário, este autor (1970) ainda afirma que, em 1561, em Madri, ele foi discípulo do catedrático de gramática, Juan López de Hoyos, que incluiu em

um de seus livros três poemas de Cervantes e os chamou de “três poesias de circunstancias escritas por Miguel de Cervantes, nosso caro e amado discípulo”. Daí, surgem os seus primeiros escritos.

De Madri, Cervantes viaja à Itália renascentista, a serviço da Igreja, para servir ao cardeal Julio Acquaviva (RIQUER, p.20). O autor de DQ logo muda de ofício, sentando praça como soldado, troca o serviço religioso pelo militar. Inicialmente, falávamos que Cervantes é de descendência judia, em sua infância, viveu em vários lugares, provavelmente, isso refletiu em sua vida, em sua obra e em seus personagens. Como soldado, viaja de Roma a África para lutar contra os turcos na batalha cristã de Lepanto, período em que reinava Felipe II.

Segundo Basanta (2005), Dom Quixote, a novela¹ de Cervantes, tem mais de setecentos personagens, pertencentes a distintas classes sociais. Esta é uma imagem completa do Século de Ouro espanhol. Riquer (1970, p. 15) diz que: [...] “toda España está metida dentro do Quixote”.

Nos dois tomos encontramos essa diversidade de personagens, tanto da alta sociedade, como as mais humildes criaturas, conforme podemos observar em Basanta (2005).

No Quixote aparece a estrutura piramidal na sociedade do Século de Ouro. Acima estão os reis; abaixo [...], lavradores rústicos, pastores, azeiros [...]; no centro se situam, em diferentes níveis de uma sociedade muito estratificada, vários escalões da nobreza (Basanta, 2005, p.11 – Tradução livre do pesquisador).²

A novela está organizada em dois tomos e estes, em três viagens que Cervantes chamou-as de saídas. As duas primeiras se encontram no primeiro tomo e a terceira, no segundo. Provavelmente, o fato de ter se mudado muito

¹ Refere-se às novelas de cavalarias, evitamos a tradução em português para não confundir com os romances medievais.

² En el Quijote se muestra la estructura piramidal en la sociedad de los Siglos de Oro. Arriba están los reyes; abajo [...], labriegos, pastores, arrieros [...]; en el medio se sitúan, en diferentes niveles de una sociedad muy estratificada, varios escalones de la nobleza (Basanta, 2005, p.11).

durante a vida o tenha conduzido a criar uma novela que se move. Os protagonistas não param de viajar, embora algumas vezes voltem aos mesmos lugares; seu autor viaja desde a infância, os personagens, mesmo os mais rústicos, como os pastores, viajam pastoreando seus rebanhos.

Cervantes, ademais de ironizar igreja, nobreza e sociedade da época, imitou os cavaleiros andantes literários, que segundo Eisenberg (1995, p.102-3), eram de reinos estrangeiros próximos (Inglaterra, Gales) ou exóticos (Trácia, Hircania). Viajavam por lugares pitorescos, como China, Ásia e África do Norte.

Dom Quixote nunca havia saído de La Mancha e sua primeira saída não foi além dos povoados vizinhos; a segunda foi até Serra Morena; a terceira chegou a Barcelona.

Os livros de cavalaria que falavam de riquezas e lugares exóticos desapareceram com o tempo, não ocorrendo o mesmo com a obra em estudo, que saiu do regional para o universal e continua sendo uma das obras mais importantes da literatura mundial.

No início deste milênio, segundo Folha de São Paulo digital (2012); Cadernos de História RGS (2002), vários literatos do mundo inteiro classificaram a obra “Don Quijote de La Mancha” como o melhor livro de ficção da literatura mundial. Seu autor, Cervantes, que segundo Basanta (2005, p.7) “é o mais universal dos escritores espanhóis”, homem de uma cultura admirável, conhecedor profundo da literatura sagrada, principalmente, dos romances de cavalaria, viveu no período da Inquisição. Seu avô, Juan de Cervantes, “foi advogado da Inquisição e familiar do Santo Ofício” (RIQUER, 1992, p.V).

A vida de Cervantes transcorre entre os séculos XVI e XVII, período de mudanças e conquistas, conhecido como o Século de Ouro espanhol: Renascimento e Barroco, períodos estes que reúnem apogeu e ruína, que refletem na obra em estudo. Espanha, Cervantes e Dom Quixote se assemelham em mudanças; cada um trafega no auge e na decadência. Como afirma Basanta.

sua vida foi pobre em bens materiais, mas muito rica em experiências, em conhecimento de pessoas e lugares. Sua figura permanece como um modelo de bondade natural, de tolerância e discrição, de funda compreensão da natureza humana. Enfim, sua existência transcorreu paralela à da Espanha, passando dos ideais heroicos ao desengano posterior. E sua obra constitui uma síntese magistral dos dois séculos, em sua transição do idealismo renascentista ao pessimismo barroco [...]. A vida de Cervantes está, pois, crucificada na declinação espanhola (BASANTA, 2005, p.10 - tradução livre do pesquisador).³

Como já havíamos dito, a vida de Cervantes, desde a infância, foi marcada por mudanças; esses traslados se refletem não somente na profissão como nos seus personagens. Nas viagens, dentro e fora de sua pátria, muda frequentemente de moradia e profissão. Na Itália, serve à igreja; na África, luta como soldado e, ao regressar ao seu país, atua como cobrador de impostos por diversas partes de Andaluzia.

De sua vida, alguns acontecimentos não foram documentados, nem sequer a data de seu nascimento. Foi batizado no dia 9 de outubro e, sendo 29 de setembro consagrado a São Miguel, possivelmente, Cervantes nasceu neste dia. Dele, também desconhecemos seu verdadeiro rosto. Nos seus últimos dias de vida fez seu autorretrato falado, no prólogo de suas *novelas exemplares*:

Este que vedes aqui de rosto delgado, de cabelo castanho [...], de nariz curvo, embora bem proporcionado, a barba de prata, que há vinte anos fora de ouro; de bigode grande, boca pequena [...], o corpo entre dois extremos, nem grande nem pequeno [...]. Este, digo: é o retrato do autor da Galatea e de Don Quijote de la Mancha (DÍAZ-PLAJA, 1971, p.218; tradução livre do pesquisador). Mancha (DÍAZ-PLAJA, 1971, p.218; tradução livre do pesquisador).

³ su vida fue pobre en bienes materiales, pero muy rica en experiencias, en conocimiento de gentes y lugares. Su figura permanece como un modelo de bondad natural, de tolerancia y discreción, de honda comprensión de la naturaleza humana. En fin, su existencia transcurrió paralela a la de España, pasando de los ideales heroicos al desengaño posterior. Y su obra construye una síntesis magistral de los siglos, de su transición del idealismo renacentista al pesimismo barroco [...]. La vida de Cervantes está, pues, crucificada en la declinación española (BASANTA, 2005, p.10).

Há quem arrisque que seu verdadeiro retrato foi pintado por El Greco, pintor contemporâneo de Cervantes, no quadro: o enterro do conde de Orgaz⁴. Entre o falado e o pintado, segue a dúvida. Qual das duas possibilidades é a verdadeira? E entre os expostos naquele quadro, qual deles é o verdadeiro Cervantes?

Não sabemos quando Cervantes começou a escrever seu Dom Quixote. Foi preso por várias vezes, e é possível que tenha escrito sua novela em algum desses locais, nos últimos anos do século XVI. [...] “engendrou-se no cárcere⁵, onde toda incomodidade tem seu lugar e todo triste ruído faz sua morada” (BASANTA, 2005, p.65).

Como dissemos anteriormente, trabalharemos acessando o primeiro tomo de Dom Quixote, mas é importante lembrar que o sonho do personagem é ultrapassar as fronteiras de sua pátria e seguir viagem, não somente ao Novo Mundo (relatado no primeiro tomo), mas também à China, viagem marcada na dedicatória do segundo tomo.

No segundo tomo (1615), ele ultrapassa as fronteiras de La Mancha e chega a Barcelona (Amorós, 1999, p.779). Na dedicatória ao conde de Lemos, Cervantes conta que recebeu uma carta do imperador da China:

[...] o grande imperador da China, há um mês que me escreveu uma carta em língua chinesa, pedindo-me, ou, para melhor dizer, suplicando-me que lhe enviasse, porque queria fundar um colégio onde se lesse a língua castelhana, e queria que o livro que se lesse fosse o da história de Dom Quixote. Juntamente com isso me dizia que seria eu o reitor do tal colégio⁶ (BASANTA, 2005, p.550- tradução livre do pesquisador).

⁴ Tal informação nos foi passada pelo professor Jacques de Bruyne da disciplina *Cervantes* do curso de Málaga (1997), da qual o pesquisador participou como aluno bolsista do Conselho Superior de Investigação Científica. O quadro será colocado em apêndice.

⁵ Esta informação se encontra no prólogo do tomo I. Segundo Basanta (2005), isso mostra uma combinação de ironia, reticência e arrogância entre o amigo imaginário e Cervantes.

⁶ [...] el grande emperador de la China, pues en lengua chinesca habrá un mes que me escribió una carta con un propio, pidiéndome, o, por mejor decir, suplicándome se le enviase, porque quería fundar un colegio donde se leyese la lengua castellana, y quería que el libro que se leyese fuese el de la historia de don Quijote. Juntamente con esto me decía que fuese yo a ser el rector del tal colegio (BASANTA, 2005, p.550).

Conforme analisamos, Dom Quixote realizava previsões futuristas, como a expansão da língua espanhola até a China, de acordo com a carta que registramos, acima. Tal dedicatória seria um precedente para a realização da expansão da língua espanhola no mundo, pois, no final do século XX, instalou-se na capital da China, o Instituto Cervantes, hoje existente em várias partes do mundo e com o nome do nosso autor.

Através dessa carta, Cervantes usou de seu humor para combater as calúnias que lhe foram dirigidas por meio de uma obra apócrifa: “El Quijote de Avellaneda” (1614), publicada no ano anterior ao segundo tomo.

À medida que vai adentrando na segunda parte de sua novela, Cervantes não volta a falar sobre esse assunto; ele sabia como utilizar seu engenho para combater os caluniadores, já que em sua vida de escritor havia passado por algumas agressões desta natureza, inclusive Lope de Vega, seu contemporâneo, dizia que “não há ninguém tão mal como Cervantes, nem tão ignorante, que elogie a Dom Quixote” (LACARTA, 1988, p. 158).

Cervantes, talvez, por manter o bom humor, tenha conquistado a admiração de seus seguidores no mundo inteiro. Ao iniciar seu segundo tomo, os personagens, Dom Quixote e Sansón Carrasco, conversam a respeito da importância da obra, onde o último, da posição de leitor, lhe diz “que no ha de haber nación ni lengua donde no se traduzca” (AMORÓS, 1999, p.437).

Como dizíamos, as previsões de Cervantes vão além do mundo literário, pois seu personagem protagonista chegou à Universalidade Gráfica Cultural (UGC⁷), na sua primeira viagem,

[...] conversando consigo mesmo e dizendo: Quem duvida de que lá para o futuro, quando sair à luz a verdadeira história dos meus famosos feitos [...], desta minha primeira viagem tão de madrugada [...], dignas de gravar-se em bronze, esculpir-se em mármore e pintar-se em painéis para memória do futuro [...].

⁷ O Prof. Jacques de Bruyne, em curso ministrado em Málaga (1997), chama *Universalidade Gráfica Cultural* a expansão de Dom Quixote através do mundo, em chaveiros, camisas, miniaturas, adornos, portas de banheiros, estátuas, nomes de ruas, popularizando o personagem, tornando-o conhecido mesmo antes de sua leitura por todos.

Peço-te que não te esqueças do meu bom Rocinante, meu eterno companheiro em todos os caminhos e corridas (AMORÓS, 1999, (AMORÓS, 1999, p.55-56 - tradução livre do pesquisador)⁸.

Essa previsão do cavaleiro manchego há muitos anos se plasmou na Plaza de España, centro de Madri, tal como ele narrou nesta passagem de sua história, conforme acabamos de ver.

Concluindo, a obra de Cervantes vai além de suas previsões, nos diz Amorós (1999), que Dom Quixote é a projeção de um personagem que influenciou o mundo de sua época. Daí porque se diz que o personagem chegou à UGC, na medida em que continua influenciando ilustração, teatro, cinema, música, moedas, selos, gastronomia, nomes de rua, internet e opiniões. Como podemos ver, sua obra, de fato, ultrapassa suas mais modestas previsões, uma vez que, certamente, ele não previu que chegasse a tanto.

Dom Quixote, em suas andanças, chega ao Brasil e influencia vários escritores. Com a obra “Triste fim de Policarpo Quaresma”, Lima Barreto cria um personagem, o major Quaresma, que imita a loucura do cavaleiro manchego. Muitos brasileiros se inspiraram na obra de Cervantes, mas a adaptação de Monteiro Lobato (1882-1948) com este livro às crianças (1936), teve uma repercussão por toda a América Latina e levou à televisão brasileira, mais tarde, o programa infantil “O sítio do Picapau amarelo”. A finalidade lobatiana era levar as crianças a viajar pelo mundo da leitura, embora o que mais chamava atenção da garotada eram as travessuras de Emília, a quixotinha das crianças.

De acordo com Lajolo (2005), no Brasil, Lobato criou a boneca Emília como assídua das leituras. Ela leu o romance de Cervantes e, como é uma boneca, não podia distinguir realidade e fantasia, tornando-se uma vítima de

⁸ [...] iba hablando consigo mismo y diciendo: Quién duda sino que en los venideros tiempos, cuando salga a luz la verdadera historia de mis famosos hechos [...], esta mi primera salida tan de mañana [...], dignas de entallarse en bronce, esculpirse en mármoles y pintarse en tablas para memoria en lo fututo [...]. Ruégote que no olvides de mi buen Rocinante, compañero eterno mío en todos mis caminos y carreras (AMORÓS, 1999, p.55-56).

DQ. Ela se transformou em uma cavaleira andante, obrigando o porco Rabicó a ser Rocinante.

Os estudiosos de Cervantes têm muito a nos ensinar, como é o caso de Basanta (2005), que afirma que Dom Quixote goza do privilégio das grandes obras de cujo espírito a humanidade vive eternamente sem saciar-se.

Dom Quixote se encontra entre as obras principais da literatura; seu autor pôde ler todos os estilos literários dominantes em sua época. Segundo Allen (1996), no período renascentista, o livro já contemplava, ao mesmo tempo, todas as linhas do desenvolvimento e da prosa do século XVI.

Segundo Rico (2005), toda história humana tem seus altos e baixos e, em se tratando de novelas de cavalarias, nunca serão completas de prosperidade e sucessos. O mesmo aconteceu na vida pessoal de Cervantes, que também se assemelha ao império espanhol, que oscilou entre a opulência e a degradação. Mesmo assim, nosso autor é “o mais universal dos escritores espanhóis” (BASANTA, 2005, p.7).

Essa universalidade do autor e do império, no período do Século de Ouro, quando o domínio desta nação chegou até os quatro continentes e se dizia que durante o reinado do monarca Felipe II, quando “el sol ni se levanta ni se pone” (PARKER, 1988, p.193) e, que em alguma zona de sua extensão sempre havia luz solar.

Cervantes, que nasceu na opulência do império espanhol, não herdou nenhuma fortuna material, mesmo vivendo na época do auge, ele sempre foi pobre, escrevia para viver, sua riqueza era sua pena, pois ele mesmo afirma que “la lengua es pluma del alma” (RICO, 2005, p.828), uma vez que a pena é o seu instrumento de trabalho, aquilo que lhe dá a sobrevivência.

Durante os dez anos de exílio, no período da batalha de Lepanto, conforme foi citado anteriormente, Cervantes viveu com dificuldades. Nunca foi rico, nasceu na ascensão do império espanhol e morreu na sua decadência, portanto sua vida transcorreu entre os séculos XVI e XVII e nosso autor alcançou o esplendor e a queda de três reinados. Conforme Basanta (2005), ele nasceu no final do mandato de Carlos I (1517-1556); assistiu ao apogeu imperial em tempos de Felipe II (1556-1598) e ao rompimento do período exterior nos últimos anos desse reinado. Da mesma forma, Cervantes assistiu à ruína interior e à decadência que se acercava na época de Felipe III (1598-

1621). Assim eram distribuídos esses dois períodos: Renascimento no século XVI e Barroco no século XVII, considerados os Séculos de Ouro das letras espanholas.

Podemos observar uma semelhança nos acontecimentos entre o escritor, que viveu na pobreza e conheceu a miséria nos seus últimos dias de vida e sua nação, prestigiada durante o império, vivido na opulência e sua queda, passando por dificuldades financeiras, chegando ao ponto de não ter como garantir seus débitos, uma vez que alçou grandes dívidas com a Itália. Assim, afirma Quevedo em suas poesias satíricas, como essa intitulada “poderoso caballero”:

[...] Poderoso cavaleiro é Dom Dinheiro.
 Nasce nas Índias honrado,
 onde o mundo lhe acompanha;
 vem a morrer na Espanha
 e é em Génova enterrado [...]
 (DÍAZ-PLAJA, 1971, p. 259; tradução livre do pesquisador).

Após dez anos, ao regressar a sua pátria, advindo da batalha naval de Lepanto: “Bem sei que na naval dura palestra⁹ perdeste o movimento da mão esquerda, para glória da direita”, conforme atesta Díaz-Plaja (1971, p. 218). Cervantes não conseguiu uma indenização ou um trabalho público no reinado de Felipe II, a quem, ao ter apresentado “su brillante hoja de servicios” (RIQUER, 1970, p.26), com um memorial que lhe solicita um emprego nas Índias, teve por resposta: “busque por acá en qué se le haga merced” (idem, p.26) Tais palavras, seguramente, trouxeram desilusões ao nosso escritor e, graças a estas, temos seu Dom Quixote, pois, se Cervantes se houvesse estabelecido na América, provavelmente, não teria escrito sua novela.

Apesar da negativa real, Cervantes deu continuidade ao que havia começado desde muito jovem: o sonho de ser escritor. Allen (1996, p.12) afirma que Cervantes seguia escrevendo com a confiança em si mesmo. Sobre isto, diz-nos Riquer (2005), que Cervantes assinou um contrato com Rodrigo

⁹ Lugar em que se lutava antigamente.

Osorio, diretor de teatro, que deveria escrever seis comédias e, em uma das cláusulas, estava explicitada com toda clareza, que se estas não fossem de igual valor cômico que as representadas em anos anteriores nos teatros espanhóis, não deveria pagar nada por tais obras. Assim afirmava o dramaturgo Miguel de Cervantes, tamanha era a sua confiança em sua pluma e em seu talento.

De acordo com Allen (1996), finalmente, depois de tantas lutas, conseguiu exercer o posto de cobrador de alcavala em Granada e, por infortúnio, depositou fundo do governo com um banqueiro que quebrou e, em consequência desse equívoco, foi encarcerado em Sevilha, por sete meses.

Como salienta Basanta (2005), no prólogo do primeiro tomo, provavelmente, como Cervantes esteve preso por um longo período no cárcere, tudo leva a crer que foi naquele local onde ele começou a escrever seu Dom Quixote. Sua obra é formada de livros e, talvez por isso, Nabokov (2009, p.26), comentando o pensamento de alguns críticos sobre Dom Quixote, diz que há cem anos um crítico francês, Saint-Beuve, o qualificou de “a Bíblia da Humanidade”. Cervantes era um leitor em potencial, assim como seu personagem protagonista, que também era afeiçoado à leitura, dizia que “yo soy aficionado a leer, aunque sean los papeles rotos de las calles” (AMOROS, 1999, p.90).

Cervantes tinha um gesto próprio de suas leituras, interpretando-as rigorosamente. Basanta (2005) afirma que em Dom Quixote não há uma obra que haja influenciado singularmente, mas antecedentes parciais que vislumbram ao fundo tal episódio, situação ou aventura.

São passagens vivenciadas por uma gama de personagens variados das histórias lidas por Cervantes, que refletem no discurso das suas próprias criações na obra Dom Quixote de La Mancha.

Como exemplo, encontramos o anônimo “Entremés de los romances”, do final do século XVI, lido por Cervantes. Bartolo, personagem dessa obra, é espancado por um pretendente de uma pastora e, ao ser encontrado por familiares, ele imagina ser o nobre marquês de Mântua.

Algo semelhante acontece com Alonso Quijana, que se perturba com a leitura dos livros de cavalaria, converte-se em Dom Quixote e deixa sua casa

para imitar a seus heróis e restaurar a cavalaria andante. É espancado por mercadores toledanos, quando Dom Quixote imagina ser Valdovinos e recorda a Bartolo, tomando-o por Marquês de Mântua ao vizinho que lhe socorre. Dessa maneira, foi prosseguindo o romance, até aqueles versos que dizem: “Oh noble marqués de Mantua, mi tío carnal y señor” (AMORÓS, 1999, p.70)

A presença dos livros de cavalaria é um componente fundamental em Dom Quixote. Por mais que Cervantes os ridicularize, são esses os mais lidos e recordados por ele: *Amadís de Gaula* e *Palmerín de Inglaterra*, pois estão presentes no episódio dos moinhos de vento transformados em gigantes¹⁰ e na história dos rebanhos que Dom Quixote transformou em exército, pois tudo quanto via ou imaginava, lhe parecia ser verdadeiro e os imitava tal como havia lido (idem, p.56). Depois de haver transformado prostitutas em virgens/senhoras; hospedeiro em administrador de castelo; moinhos de vento em gigantes e ovelhas em exército, pois lhe parecia ser importante para a posteridade, dizia o cavaleiro: “tenho que fazer obras que fiquem escritas no livro da fama para os séculos vindouros” (BASANTA, 2005, p.194).

Depois do êxito de seu primeiro tomo (1605), Cervantes mudou o rumo da literatura espanhola. Segundo Avalor-Arce (2004), Cervantes diz ser o primeiro a escrever novelas em língua castelhana, pois as, anteriormente, impressas nessa língua, eram traduções de línguas estrangeiras, já as suas, são autênticas, não são imitadas nem roubadas, mas engendradas pelo seu engenho e paridas por sua pena.

Cervantes considera as novelas anteriores a Dom Quixote imitações de obras estrangeiras, pois “as espanholas de sua época eram conhecidas como novelas curtas” (idem, Avalor-Arce). Já as de cavalarias, as únicas, verdadeiramente, consideradas como novelas, por serem extensas, não tinham a autenticidade de Dom Quixote, pois as suas, saíram de seu punho, como ele mesmo afirma; enquanto aquelas, os cavaleiros andantes literários pertenciam a outros reinos como Amadís de Gaula que pertencia a Gália, hoje a atual França; Palmerín de Inglaterra, em alusão a este país e outras que não tiveram a impotência destas e pertenciam a outros reinos.

¹⁰ No capítulo 3 de nossa dissertação trabalharemos um recorte discursivo deste tema.

Já em Dom Quixote, eram autênticos o lugar e os personagens; todos surgiram de La Mancha. Aqui, o regional saiu para o universal e, esta é uma das características do autor. Eisenberg (1995) afirma que a principal falta de originalidade a que se refere Cervantes, é que esses escritores, embora fossem nacionais, suas novelas não as eram, nem tampouco seus personagens, pois iam buscar inspiração em outras partes do mundo, como China, África do Norte e Ásia.

A Cervantes não lhe faltava imaginação, idealizou personagens rústicos e transformou-os em princesa, como a camponesa Aldonza Lorenzo, em Dulcinea del Toboso, o analfabeto Sancho Panza em governador, o hospedeiro em administrador e, dessa maneira, traçava a trajetória de seus personagens. Quanto aos pobres, DQ alçava-os a lugares importantes, que antes, só poderiam ocupar através de sonhos; os que pertenciam à nobreza ou ao clero eram rebaixados a lugares inferiores. Tudo ao contrário dos andantes tradicionais, que obedeciam com rigor a FD das classes dominantes. Dom Quixote não necessita sair de sua pátria, pois tudo se resolve “en un lugar de La Mancha”, que, embora não explicita, não deseja recordá-lo.

Cervantes levantou internacionalmente o lugar que deu nome a sua obra e ao seu personagem. Antes, no período medieval, o reino de Castela era um dos mais importantes da nação espanhola. O nome surgiu dos castelos que existiam nessa região. Aqui nasceu o cavaleiro Rodrigo Díaz de Vivar, El Cid, guerreiro do século XII.

Dom Quixote, ao iniciar sua história, nomeia tudo que se encontra ao seu redor e, não se esquecendo de homenagear personagens da história por seus feitos heroicos, inspirado pela valentia deste cavaleiro e pela bravura de seu cavalo, deu nome ao seu rocín.¹¹

No final do século XV, graças ao casamento de Isabel de Castilha e Fernando de Aragão, deu-se a unificação de todos os reinos hispânicos, os reis católicos foram os patrocinadores da viagem de Colombo à conquista do Novo Mundo. Com essa aliança, as fronteiras se expandiram, Espanha se sobrepôs como nação da terra e dos mares.

¹¹ cavalo fraco.

Segundo Alonso; Ureña (1957, p.11) a língua passou a ser conhecida pelos dois nomes: castelhano e espanhol. Já nessa época, geograficamente, Castela se subdividia em “Castilla La Vieja” e “Castilla La Nueva”, atualmente, “Castilla y León” e “Castilla La Mancha”.

A obra de Cervantes levantou La Mancha, não só no cenário nacional como internacional, o lugar pobre e miserável de antes, onde o próprio autor se negava a lembrar ao iniciar sua história: “en un lugar de La Mancha de cuyo nombre no quiero acordarme” (AMORÓS, 1999, p.51).

Atualmente visitada e, graças a DQ, é possível conhecer a casa de Dulcinea em El Toboso transformada em museu. Aqui também podemos visitar a biblioteca da câmara municipal com sua “coleção de Quixotes, edições raras e curiosas em mais de quarenta línguas. É a homenagem de um povo à obra que o fez famoso no mundo inteiro” (SÁNCHEZ, 1983, p.11).

Os moinhos de vento, as Lagoas de Ruideras, os povoados vizinhos, todos ressaltados na obra em estudo. Na realidade, continua um lugar pobre, mas rico culturalmente, pois somente Cervantes poderia dar outra feição à miséria.

Segundo Lacarta (1988, p.150), a obra de Cervantes não foi de “antítese nem de prosaica negação, mas de purificação e complemento”. O que havia de poético, nobre e famoso na cavalaria, se incorporou a esta obra no mais alto sentido. Deste modo, Dom Quixote é o “último dos livros de cavalarias”.

Segundo Rico (2005), Cervantes insiste, veementemente, que o propósito de escrever sua novela foi o de acabar com a leitura dos livros de cavalarias. Dessa maneira, as últimas palavras de Dom Quixote, após recobrar sua consciência e reconhecer-se como Alonso Quijana, termina sua vida com as seguintes palavras:

Não foi outra a minha intenção, senão a de tornar aborrecidas dos homens as fingidas e disparatadas histórias dos livros de cavalaria, que vão já tropeçando com as do meu verdadeiro Dom Quixote, e ainda hão de cair de todo, sem dúvida (RICO, 2005, p.1337; tradução livre do pesquisador).

De todas as obras que precederam as leituras de Cervantes, as que deram maior sustentabilidade ao seu Dom Quixote foram as novelas de cavalarias, pois estas eram fiéis à Santa Inquisição. Por viver nesta época e saber dos riscos que correria ao ironizar a instituição católica, utilizou-se de tais novelas que, apesar de irônicas, também causavam risos, provavelmente usando-as como trampolim para driblar os inquisidores.

Riquer (2005; p.101-106) afirma que os pensadores espanhóis do século XVI que tinham seus escritos relacionados com o Renascimento, muitos deles eram seguidores de Erasmo, condenavam os livros de cavalaria por várias razões. Não elencaremos aqui a lista de autores de que nos fala Riquer, mas algumas das razões que condenam tais livros e seus autores, como por exemplo: a) são pessoas ociosas que escrevem necedades; b) são iliteratos, escrevem mal e leram poucos livros; c) são mentirosos, inimigos da verdade e da história autêntica; d) os livros de cavalaria podem induzir ao pecado; e) os sensores dos livros de cavalarias pediam que estes fossem queimados; f) um decreto de 1531 proibia transportar livros dessa natureza às Índias; g) os livros de cavalaria deveriam ser proibidos, castigados e queimados¹², apesar desse julgamento, há claras infrações à Inquisição da época.

Eisenberg (1995) afirma que apesar das proibições, famosos do clero e da nobreza eram afeiçoados a essas obras, como o rei Carlos V, o jovem Loyola, antes de fundar os Jesuítas e Santa Teresa de Jesus. *Riquer (2005, p.110)* citava certo sacerdote, que não menciona o nome, acreditava na veracidade dos livros de cavalarias, porque estes tinham privilégio de impressão. Isso é algo contraditório, pois se eram os próprios reis quem autorizavam este privilégio, como poderiam proibí-los se também eram leitores de tais obras?

Nosso autor, inteligentemente, soube conviver com a censura, por isso transferia os sentidos para outros lugares, deslizando-o, pois, temendo as repressões, usava símbolos para confundir o que não podia ser dito e, assim, distorcia a vontade dos opressores, fazendo valer o silenciado, pois se assim o fizesse, defenderia a instituição católica da época e não era esse o seu desejo.

¹² O capítulo VI do tomo I narra a queima de vários livros de Cavalaria, excetuando, apenas, os livros *La Galatea* de Cervantes, novela pastoril e *Amadis de Gaula*, o melhor da Cavalaria, considerado pelos inquisidores, o cura e o barbeiro.

Por este motivo, outro conceito importante para a compreensão do discurso de Dom Quixote é o de *silenciamento*. Orlandi (1993, p. 31) interessa-se pela política do silêncio, que, no discurso, aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc”. A política do silêncio (ou silenciamento) significa que, ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos, “como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: se diz x para não (deixar) dizer y, este sendo o sentido a se descartar do dito” (*op.cit.* p. 76). O dizer é interditado e, quando isto acontece, constituem-se discursos autoritários, onde não há reversibilidade. É negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições, permanecendo estanque em um lugar, produzindo sentidos não proibidos.

Caberia aqui a noção de *migração de sentidos*, com seu efeito de movimento, de deslocamento de posição. Sempre que há censura, há migração de sentidos para outros objetos simbólicos, que significarão o que não pôde ser dito.

No próximo item, trabalharemos a articulação das histórias de Dom Quixote e a Análise do Discurso de linha francesa.

1.2. Análise do discurso de linha francesa

“[...] por la honra se puede y se debe aventurar la vida [...]”.

Miguel de Cervantes

“A memória constitui um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas”.

Michel Pêcheux

Optamos por apresentar, separadamente, este item do anterior, embora o nosso objeto de estudo seja a análise de Dom Quixote, a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, para uma melhor compreensão do leitor, do objeto discursivo. Reconhecemos que os sujeitos falam de diferentes posições, produzindo distintos dizeres, mas

levamos em consideração os lugares teóricos de ambos os autores e seguidores desde os países berços, chegando até ao Brasil.

Michel Pêcheux (1938-1983), filósofo francês, fundador da Análise do Discurso de linha francesa (doravante, AD), criou sua teoria na segunda metade dos anos 60. Segundo Ferreira (2008), a geração intelectual de Michel Pêcheux ingressou na política pela via da esquerda e com um viés militante sem disfarce. Muitos destes participaram do movimento de maio de 68.

Ainda nos informa Ferreira (2008) que foi nesse cenário que nasceu a AD, época que coincidia com o auge do estruturalismo, como paradigma de formatação do mundo, das ideias e das coisas para toda uma geração da intelectualidade francesa.

Mussalim (2001) afirma que para entender a gênese da AD é preciso compreender as condições que propiciaram esse momento. Ela tem como principal finalidade a análise dos efeitos de sentido.

A AD nasceu no entremeio de três campos do saber: o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise. Segundo Ferreira (2010), a AD, desde seu início, caracteriza-se por um viés de ruptura a toda uma conjuntura política e epistemológica e também pela necessidade de articulação a outras áreas das ciências humanas, tais como as indicadas acima.

No início da formação da AD, Pêcheux e Dubois se aliam. Mussalim (2001) afirma que os dois pesquisadores têm em comum o espaço do marxismo e da política, e partilham convicções sobre a luta de classes, a história e o movimento social. Esta autora também afirma que a língua não é apreendida na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo. Daí, surge o estruturalismo de vertente saussuriana que diz ser “no interior do sistema que se define, que se estrutura o objeto e é este objeto assim definido que interessa a esta concepção de ciência em vigor na época” (MUSSALIM, 2001, p.102).

A AD é constituída por três épocas, também, conhecida como as *três épocas* de Michel Pêcheux. São momentos distintos, convivendo com suas mudanças e conflitos.

Afirma-nos Gregolin (2006), que a primeira época de Pêcheux (1983b) iniciou-se com a obra *Analyse Automatique du Discours* (AAD, 1969), e discute

uma proposta teórico-metodológica influenciada pela releitura de Saussure. Depois de reler os postulados saussurianos, Pêcheux desloca o objeto, pensando a langue (na sua sistematicidade e no seu caráter social) como a base dos processos discursivos, que envolvem o sujeito e a História.

Também é evocada a metodologia oriunda do estruturalismo harrisiano, que propõe a AAD, “por meio da qual busca-se colocar em evidência traços do processo discursivo, a fim de determinar os enunciados de base produzidos pela máquina discursiva” (GREGOLIN, 2006, p.62).

É nessa direção, que Mussalim (2001, p.133) afirma que o sujeito da AD-1 é concebido como sendo assujeitado à máquina [termo de Pêcheux (1983/1990)], submetido às regras específicas que delimita o discurso que enuncia. Assim, segundo essa concepção de sujeito, quem fala não é um indivíduo, mas uma instituição, ou uma teoria ou uma ideologia.

Dessa maneira, as relações existentes entre as Máquinas Discursivas facilitariam o desenvolvimento do objeto de análise dessa fase. A proposta era criar um dispositivo de análise de textos que fosse acionado por uma máquina para ler textos.

Na concepção do discurso, cruza-se o legado Saussure-Marx-Freud, também trabalhado por Pêcheux, Althusser e Lacan. A este respeito, nos informa Gregolin (2006) que as teses althusserianas acerca dos aparelhos ideológicos e o assujeitamento propõem um sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente, sujeito este que não é fonte nem origem do dizer, que reproduz o já-dito, o já-lá e o pré-construído.

Para Pêcheux (2010) o deslocamento teórico que inicia a segunda época da AD-2 resulta de uma conversão (filosófica) do olhar pelo qual são as relações entre as máquinas discursivas estruturais que se tornam objeto da AD.

Na perspectiva dessa segunda época, as relações são forças desiguais entre processos discursivos, estruturando o conjunto por dispositivos com influência desigual uns sobre os outros, pois a noção de FD de Foucault começa a explodir as máquinas discursivas fechadas estruturas da AD-1.

A AD-2 se apropria da noção de explosão, e a partir de um novo olhar, se forma uma FD que antes era fechada, passa a ser invadida por elementos

que vem de outro(s) lugar(es), de outras FDs que se repetem; pois suas fronteiras são porosas, tanto permite entrar como sair e fornecem suas evidências discursivas fundamentais sob a forma de preconstituídos e de discursos transversos.

Nessa segunda época, é introduzida a noção de interdiscurso, que serve para designar o exterior específico de uma FD, para construir e não evidenciar, discursos. Mesmo com a explosão da máquina, "o sujeito do discurso continua sendo concebido como puro efeito de assujeitamento à máquina da FD com a qual ele se identifica" (PÊCHEUX, 2010, p.310).

Há, entretanto, o movimento do possível. Indursky (2008), partindo dessas considerações pêcheutianas, a base de sua reflexão, propõe uma releitura dessas modalidades, decorrente do objetivo de refletir acerca da trajetória da categoria *sujeito* em AD. A autora acredita que, antes de identificar-se com a forma-sujeito propriamente dita e através dela com a ideologia, o sujeito relaciona-se com a FD que o constitui.

Para essa pesquisadora, o fato da forma-sujeito ser fragmentada e comportar em si a contradição autoriza que se possa considerar a existência de mais do que duas posições possíveis: há uma posição que aparece como dominante, mas há espaço para várias posições-sujeito "não dominantes" em relação àquela. Depreende-se, das reflexões tecidas por Indursky (idem), a possibilidade de haver diferentes posicionamentos coexistentes de *contraidentificação* passíveis de ser comportados pela forma-sujeito em uma determinada FD, e isto em decorrência de diferentes modos de relação entre sujeito e ideologia (via tomada de posição).

A questão para a autora é pensar o caso em que a movimentação de sentidos no interior da FD não chega a induzir a ruptura "radical e definitiva", antagônica mesmo, própria à desidentificação. Daí a proposta de conceber o *acontecimento enunciativo*, que, relacionado à *contraidentificação*, coloca em cena um novo modo de enunciar no interior de uma FD, modo este que opera pelo viés da tensão e do estranhamento; trata-se, pois, de um conflito interno, que ocorre em relação aos modos enunciativos de uma dada posição-sujeito, que poderia ser a dominante.

Na AD-2, Mussalim (2001) nos diz que o sujeito passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis segundo as várias posições

que ocupa no espaço interdiscursivo. Nessa segunda época, vigora a ideia de que o sujeito pode ter mais de uma forma-sujeito, assim afirma Pêcheux, de acordo com as várias posições que ocupa no espaço discursivo.

O sujeito do discurso ocupa o lugar de onde enuncia, e este lugar representa os traços do lugar social que ocupa, como, por exemplo, o lugar do professor, do administrador, do padre, da mãe etc., determinando o que ele vai dizer a partir desse lugar. Em outras palavras, se ele ocupa o lugar numa formação social, “é dominado por uma determinada Formação Ideológica (FI) que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso” (MUSSALIM, 2002, p.133).

Brandão (1994) nos informa que as duas concepções de sujeito (AD-1 e AD-2), apesar de diferentes, são influenciadas pela Psicanálise (teoria do inconsciente) e por uma teoria da ideologia que situa o sujeito no quadro de uma formação ideológica discursiva. Partindo dessa compreensão, não existe para a AD um sujeito individual, mas ideológico.

Maldidier (1990) denomina a terceira época de época da desconstrução dirigida; a partir daqui, as esquerdas francesas passam por uma crise sem retorno. Pêcheux se vincula ao Partido Comunista. O sujeito da AD é o sujeito do inconsciente, heterogêneo, clivado, dividido. Ao mesmo tempo, é marcado pela interdiscursividade, que afirma o primado do discurso. É assujeitado à língua e à ideologia.

Essa terceira época recebeu, também, a influência de Authier-Revuz (1982) que introduziu uma distinção entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. Na primeira, o sujeito tenta explicitar a presença do outro no fio discursivo, numa tentativa de harmonizar as diferentes vozes que atravessam o seu discurso, buscando a unidade mesmo que ilusória. A heterogeneidade constitutiva acontece quando o sujeito é dominado pelo interdiscurso.

Bakhtin, na *Análise Dialógica do Discurso* (*apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008), afirma que as palavras são sempre as palavras dos outros, assim, também o discurso, é tecido dos discursos do outro. Pêcheux, ao se referir à psicanálise e à concepção althusseriana da ideologia funda o primado do interdiscurso em relação a cada formação discursiva:

O próprio de cada formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que aí se forma, a objetividade material e contraditória do interdiscurso, determinando essa formação discursiva como tal, objetividade material que reside no fato de que 'isto fala' sempre antes, alhures, ou independentemente, isto é, sob a denominação do complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, 2010, p.93).

Pêcheux (1983, p.44) reconhece que o movimento estruturalista também demarcou uma tentativa anti-positivista que levava em conta um real diferente: "[...] constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos e que se encontra[...] no intercruzamento da linguagem e da história". Essa é exatamente a posição da AD: analisar os efeitos de sentido nos entremeios da história e da língua.

Para Orlandi (2012, p.25), a AD é constituída no espaço em que a Linguística, a Filosofia e as Ciências Sociais se comunicam. A autora ainda afirma que a AD não trata da língua nem da gramática, embora, ambas, sejam de seu interesse. Trata do discurso, e este, etimologicamente, remete à ideia de "curso, percurso, de correr por, enfim, de movimento".

Orlandi (2005) salienta ainda que é atribuição do discursivo dimensionar o sentido no tempo e no espaço das práticas humanas, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística. A AD, apesar de ter na linguagem uma de suas imbricações, não se prendeu ao objeto desta, mas ao seu próprio, o discurso.

Ferreira (2010) afirma que Pêcheux em todos os estágios da teoria do discurso foi um seguidor de Saussure e de seus conceitos de signos e de valor, a ideia de sistematicidade e a noção de funcionamento da língua. Mesmo assim, Pêcheux foi um oponente a essa teoria linguística, distanciando-se para interferir com o conceito de discurso. Para isso, rompeu com o par língua/fala, sobrepondo o novo par, língua/discurso, mas que não pressupõe oposição. Esse deslocamento traz profundas implicações na concepção da língua para a AD, distinto da língua da linguística. Para a estudiosa, a da AD admite falta, furo e falha; não trabalha com a noção de estrutura fechada e homogênea e ainda incorpora o termo *real da língua*, trazido por Milner, da Psicanálise, para expressar essa incompletude da língua que a constitui.

Afirma ainda Ferreira (2010), que o destaque dos estruturalistas durante as décadas de 50 e 60 foi marcado pela deliberada exclusão do sujeito, sendo esse um dos legados dos defensores do paradigma estrutural para romper com a fenomenologia, o psicologismo ou a hermenêutica. A essas alturas, o importante era regularizar o sujeito, já que era visto como o elemento capaz de desordenar a análise do objeto científico, que corresponderia a uma língua com propósito, normatizada.

Essa era a situação em que vivia a França até 1967, apogeu do estruturalismo, que deixava transparecer as marcas de algumas fissuras internas. O movimento de maio de 68 e as novas inquietações que surgiram, repentinamente, no espaço das ciências humanas, foram decisivos para revolver o paradigma dominante, trazendo, conseqüentemente, o sujeito para o centro do cenário.

Do ponto de vista político, deu-se assim, o nascimento da AD: no meio dessas intervenções e transformações, que visavam protestar o excessivo formalismo linguístico em moda. Com essas mudanças, a AD corta suas relações com a linguagem, implicando aí sua relação crítica com a linguística e abrindo um campo de questões no interior desta ciência, produzindo deslocamento no terreno da área, especialmente nos conceitos de língua, sujeito e historicidade, deixados à margem pelas correntes da época. Desse modo, fica claro que a AD, por esse viés de ruptura, se articula a outras áreas das ciências humanas, como a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Ela não se torna uma disciplina autônoma, nem tampouco auxiliar, empenha-se em ter seu objeto discursivo de fronteira, que atue nos limites das divisões disciplinares e que seja construído de materialidade linguística e histórica, ao mesmo tempo. A AD recorta seu objeto teórico, o discurso, diferenciando-se da linguística, que é centrada na língua. Seguramente, a esse respeito, Orlandi (2012) atribui à AD a condição de ser uma matéria de entremeio.¹³

É nesse momento que Pêcheux começa a formular sua teoria, dialogando com algumas disciplinas, embora afirme Orlandi (2012) que a Análise de Discurso é uma des-disciplina, uma vez que é articulada no

¹³ NOTA: Para melhor visualização dos entremeios da AD, conferir figura 2, no item 1.3.

entremeio de três regiões do conhecimento científico: o Materialismo Histórico (teoria das formações sociais e suas transformações), compreendida aí a teoria da ideologia, a Linguística (teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e a teoria do discurso (teoria da determinação histórica dos processos semânticos).

Gregolin (2008) afirma que a AD foi pressionada desde sua fundação pela evolução das teorias linguísticas e as transformações do campo histórico-político, que, desde seu início, tomou como objeto de estudo os discursos políticos, pois foi fundada para fazer intervenção junto ao científico e ao político (discursos de arquivo). Partindo desse pressuposto, Pêcheux diz que essa AD teve sempre uma ambiguidade, e a chama de imbecilidade. Esse lugar a que a AD se atribuiu passou a ser uma dupla imbecilidade: a) a da objetividade meticulosa que supõe alcançar uma verdade do texto; b) a da política partidária cientificamente sustentada. Há, desse modo, em torno dessa falta, um “jogo de espelhos, onde as posições se refletem e se intercambiam infinitamente”.

A relação de sentido deriva do fato de que não existe um discurso único, inédito. Todo discurso tem relação com outros discursos já ditos ou imaginados, e sem esquecer que “todo discurso se estabelece na relação com discurso anterior e aponta para outro” (ORLANDI, 2012, p.62).

Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes.

Neste ponto, trabalharemos as concepções teóricas da AD que utilizaremos em nossas análises, objetivando uma melhor compreensão do leitor para o que virá em seguida.

Com relação à Formação Imaginária (FI), Pêcheux (2010, p.81) nos diz que, “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias”. Já Orlandi (2012, p.40) afirma “que todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos formações imaginárias”. Baseando-nos nestes autores, podemos dizer que as FI sustentam todo o mecanismo discursivo. O conceito de FI não se manifesta com base em sujeitos empíricos, mas se apoia em representações mentais, que, possivelmente, aquele interlocutor simbolizaria no mundo real, ou seja, quais suas funções neste mundo, qual o lugar social ocupado por este

indivíduo, quais discursos ele já conhece ou desconhece. Este conceito, aliado às condições de produção do discurso, é quem determina qual linguagem será utilizada, quais ideais estarão presentes, qual a intensidade do discurso, já que todos estes fatores dependerão da representação que o enunciador terá formado de seu interlocutor (antecipação da AD).

No final dos anos 60, Foucault tornou-se famoso por ser o primeiro a usar o termo Formação Discursiva (FD). O segundo capítulo de sua obra *A Arqueologia do Saber*, é dedicado às regularidades discursivas e aproxima discurso, sujeito, ideologia:

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2012, p. 47).

Em Pêcheux, a FD, no seu início, está intimamente relacionada com a noção de formação ideológica, decorrente da leitura dos "Aparelhos Ideológicos do Estado" de Althusser, o que explica o seu afeiçoamento com o marxismo. Assim Pêcheux expõe sua ideia:

Chamaremos, então, *FD* aquilo que, em uma FI dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina "o que pode e o que deve ser dito" (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). (Pêcheux, 1997a, p. 160).

O autor (idem, p.47) informa, ainda, que as regras de formação são condições de existência em uma dada repartição discursiva. No tocante à ideologia, Althusser (2003), na releitura de Marx, criou a teoria das ideologias e fundamentando-se nas formações sociais, aponta a falha marxista por ter ignorado as formações imaginárias.

Althusser (idem) afirma também que a ideologia retrata a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. Como uma relação imaginária, ela mantém os homens em suas condições de existência. Sobre isso, Indursky (1997, p.19) afirma que "a relação imaginária com o mundo real é que é o objeto da representação ideológica". Na AD, a ideologia

não é analisada de forma isolada, mas compreendida como inerente, materializada no discurso.

Anteriormente, dizíamos que nada está isolado, ao contrário, tudo está conectado e assim acontecem as concepções teóricas da AD. Pêcheux (1975) *apud* Orlandi (2012, p.17) afirma que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. Dessa maneira, uma concepção vai retomando a outra.

Continuando a definição de concepções teóricas da AD, que utilizaremos em nosso trabalho, podemos dizer que as condições de produção são formações imaginárias, onde se apresentam:

a relação de forças (os lugares sócias dos interlocutores e a sua posição relativa no discurso), a relação de sentido (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros), a antecipação (a maneira como o representa as representações do seu interlocutor e vice-versa) (ORLANDI, 2009, p. 158).

Dessa forma, não há discurso sem condições de produção, que devem ser enfatizadas, sempre que há uma análise discursiva.

Nesse sentido, trabalharemos em nossas análises, com as concepções teóricas que procuramos destacar neste capítulo, quais sejam: condições de produção, formações discursivas e ideológicas, interdiscursividade e memória discursiva.

A noção de formação discursiva (FD) foi introduzida por Foucault e reformulada por Pêcheux, logo depois foi utilizada por vários estudiosos da AD. Para Courtine, a FD é a matriz de sentidos, que regula o que o sujeito pode e deve dizer e também, o que não pode ser dito (Courtine, 1994). A FD tem a função de articular língua e discurso. Segundo Orlandi (2012) “as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas”. Dessa maneira, os sentidos tem um lugar ideológico junto ao discurso. E podemos acrescentar que a relação de um discurso com outros discursos, interfere no seu sentido. Sendo que, tudo isso está ligado à noção de heterogeneidade discursiva, formação discursiva e de pré-construído. Podemos ainda afirmar com as palavras de Maingueneau; Charaudeau (2008, p.286) que

“todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso”.

As condições de produção fazem parte da exterioridade linguística e são agrupadas em condições de produção tanto no sentido estrito como no sentido amplo, de acordo com Orlandi (2012). Ainda nos afirma a autora que elas incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. Já a memória discursiva, que faz parte das condições de produção, “tem no saber discursivo todo dizer que retorna em forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra” (idem).

1.3. Articulação de Cervantes e sua obra e a Análise do Discurso de linha francesa

“No seas, ni siempre riguroso, ni siempre blando.”

Miguel de Cervantes

“Os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”.

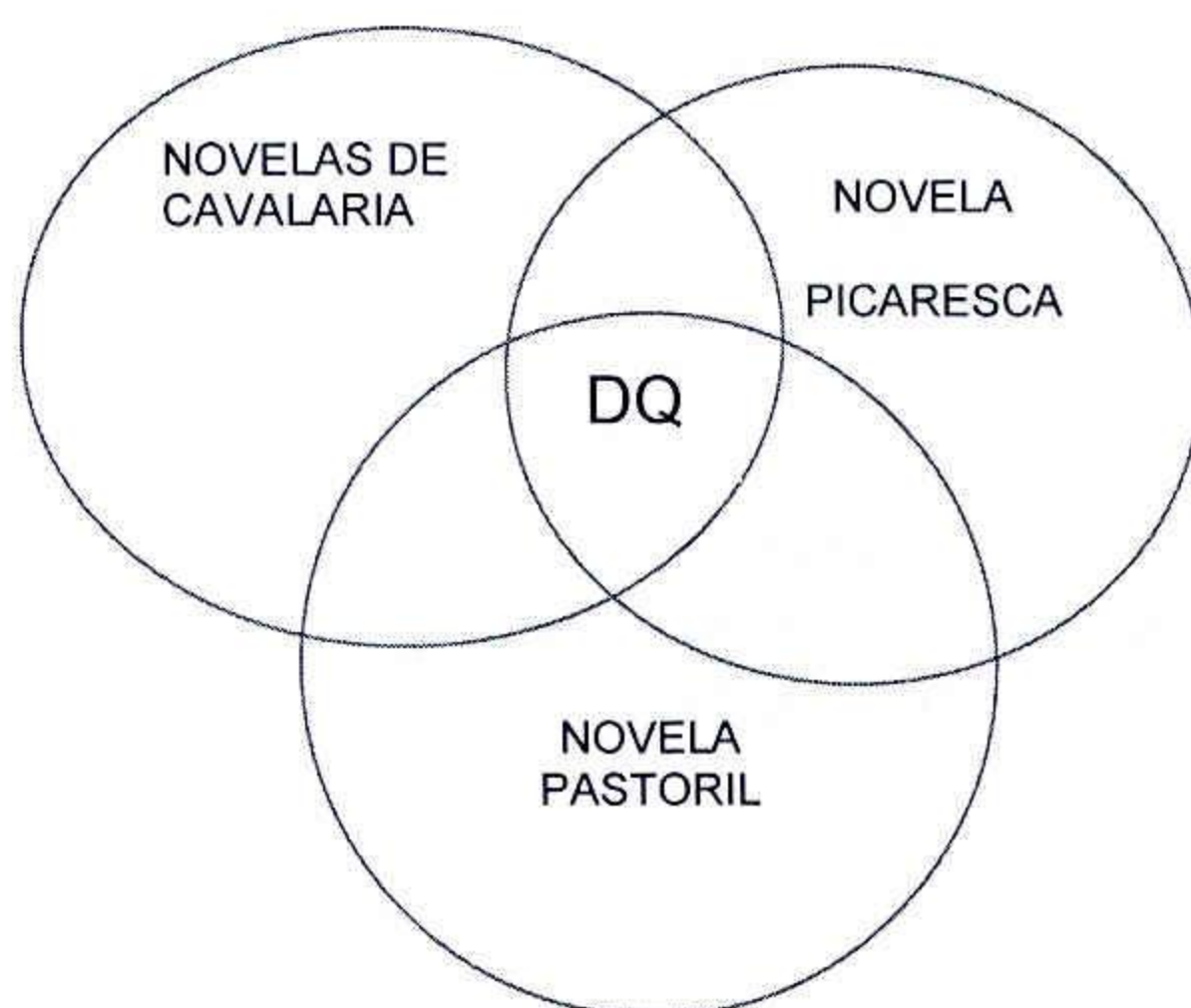
Michel Pêcheux

Neste item, optamos por integrar Dom Quixote (DQ) e Análise do Discurso (AD) e trabalharemos conceitos importantes da AD, já que, a partir dessa união, situaremos o leitor acerca desses dois lugares teóricos (objeto de estudo e teoria discursiva) e, assim, articularemos esses dois saberes. Com isso, utilizamos a AD para explicar, por exemplo, a estratégia que o cavaleiro Dom Quixote usava para confundir os inquisidores, que, através de seu humor, confundia-os, embora seu objetivo mais imediato fosse outro: fazer justiça.

De modo a facilitar a visualização do leitor, optamos por inserir figuras que melhor explicitem os entremeios relacionados à AD e a DQ, oferecendo um suporte visual às aproximações entre teoria e objeto de estudo.

Figura 1

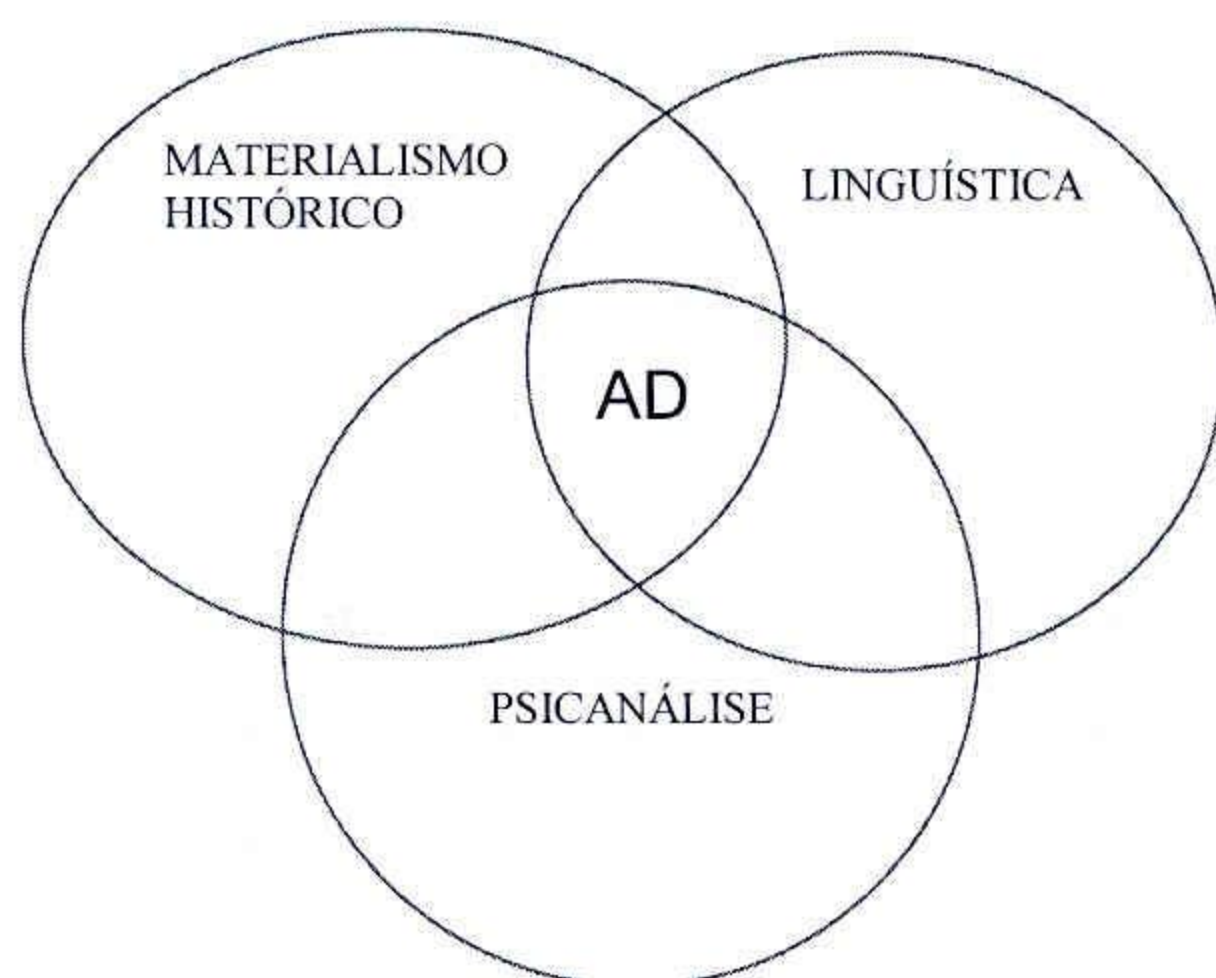
Filiação teórica que situou Cervantes na escrita de DQ
Escrita de entremeios (novela de entremeios)



Da mesma forma, a figura 2 pretende discutir as condições de produção da AD, à época de sua fundação e de DQ, quando Cervantes escreveu a sua obra.

Figura 2

Filiação teórica da AD – disciplina de entremeios



Ainda sobre filiação teórica, trazemos à discussão nova aproximação entre os autores, como ilustrado nos gráficos 3 e 4.

Figura 3

Aproximação entre autores – desconstrução

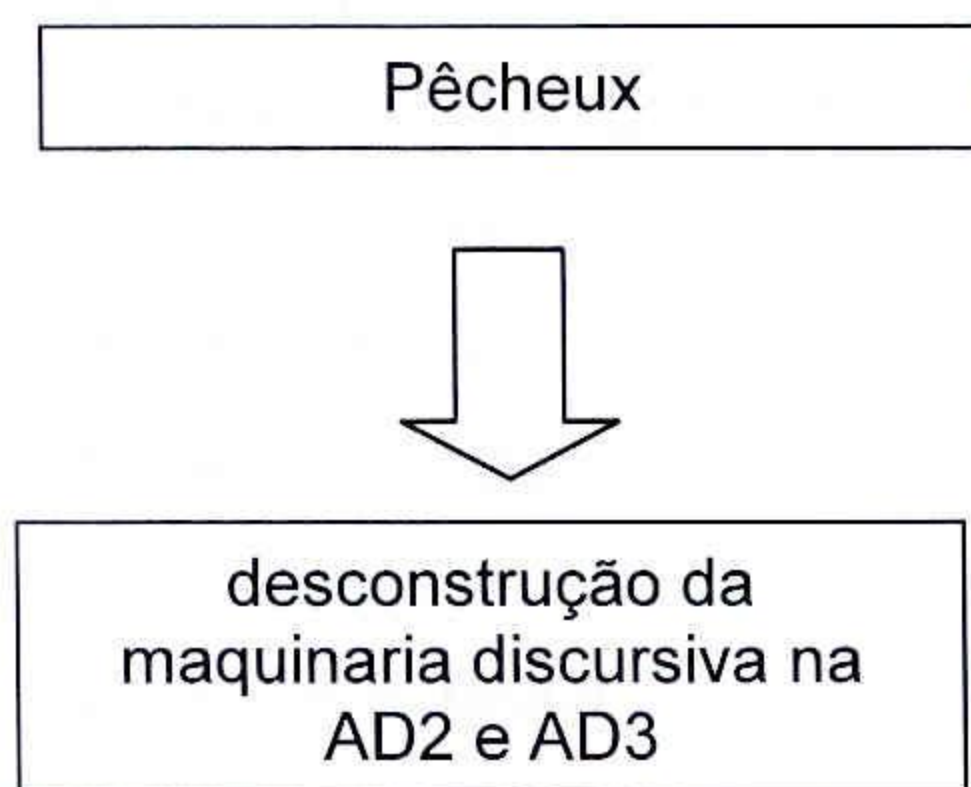
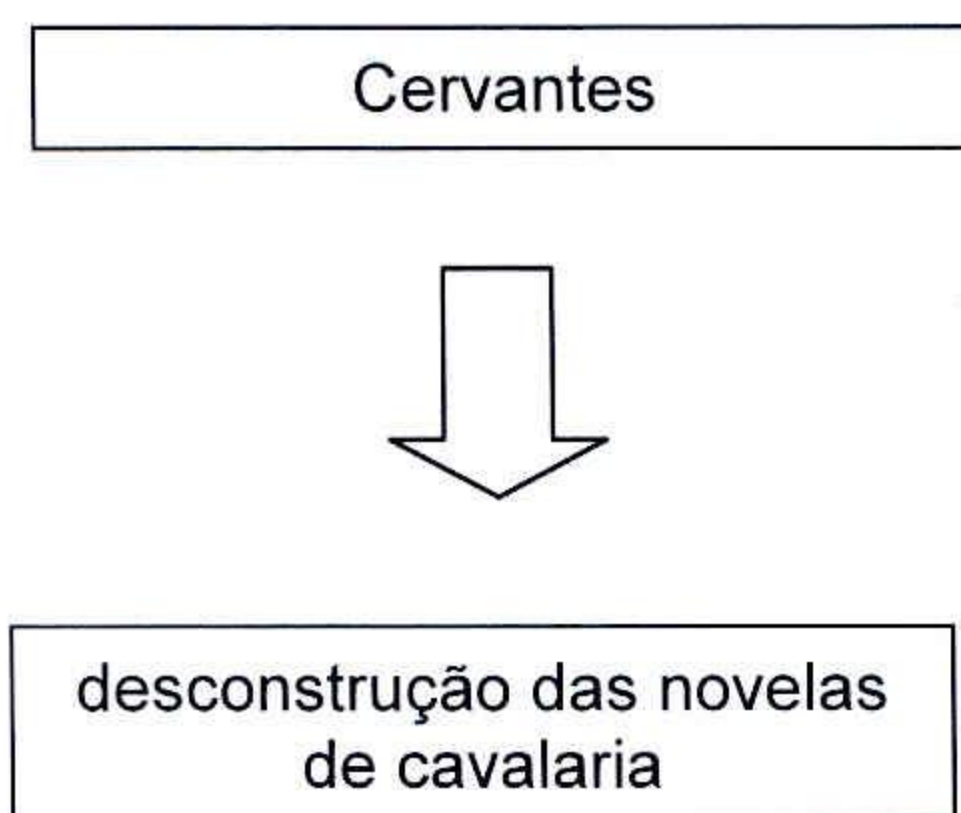


Figura 4

Aproximação entre autores - desconstrução



Assim como a AD, que é uma disciplina de entremeios, pode-se afirmar que DQ também tem sua gênese nos entremeios das novelas de cavalaria¹⁴, das novelas pastoris¹⁵ e da picaresca¹⁶. De toda a base formadora, conforme

¹⁴ Gênero novelesco em que se contam os feitos fabulosos dos cavaleiros andantes.

¹⁵ Novela que narra às aventuras e desventuras amorosas de pastores idealizados.

¹⁶ Novela, normalmente em primeira pessoa, relatava as peripécias de um pícaro.

citamos, anteriormente, a que mais relevância deu Cervantes, foram às novelas de cavalarias. Por serem proibidas pela Igreja, o autor combate a injustiça através do humor. Este foi um dos caminhos encontrados por Cervantes, sem que as classes dominantes se dessem conta do divertido que era a distorção dessas fontes.

É importante salientar que a Análise de Discurso origina-se da Linguística, mas, por estar filiada a outras regiões do conhecimento, dela se afasta. Podemos dizer que Cervantes se afasta dos componentes da base formadora, por não darem conta do humor que usa para fazer denúncia, sendo somente o componente cavaleiresco que atende às reivindicações para fazer justiça.

Com relação as figuras 5 e 6, procuramos refletir sobre as condições de produção dos autores durante a escrita da obra, na Espanha / fundação da AD, na França.

Figura 5

Condições de Produção que situaram Cervantes na escrita de DQ

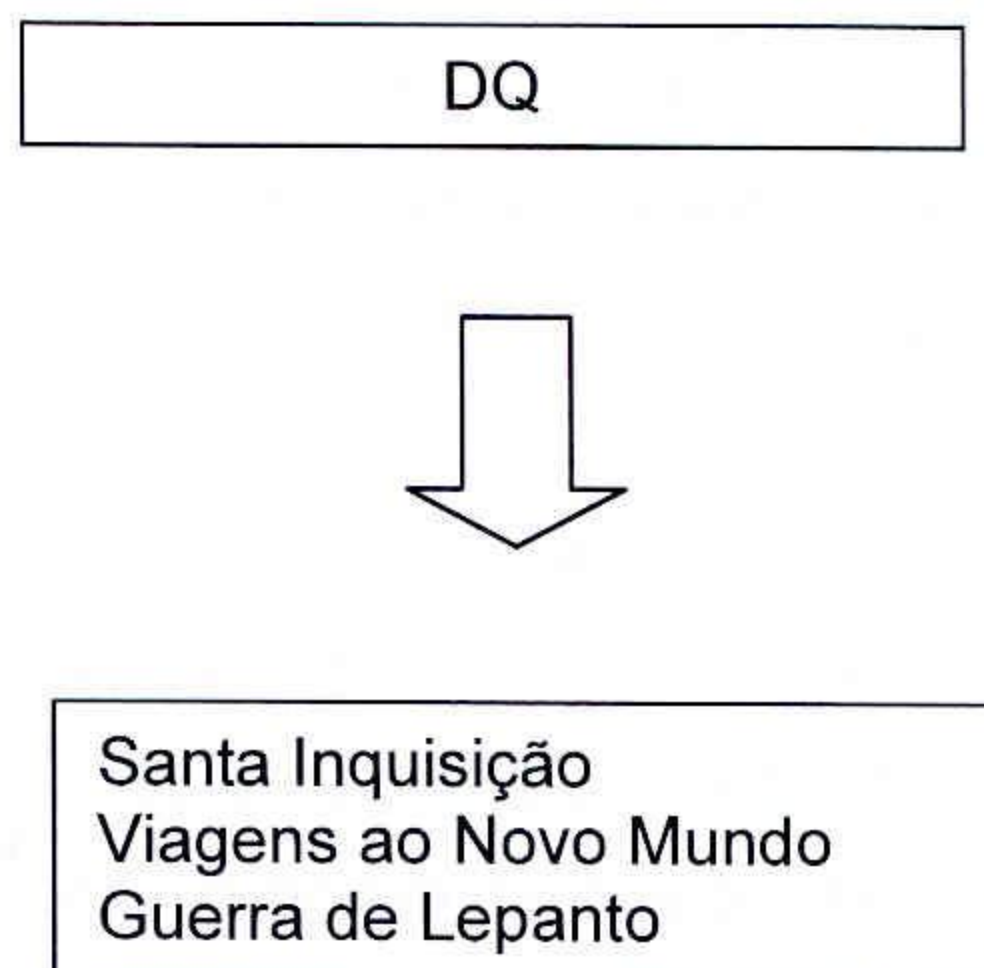
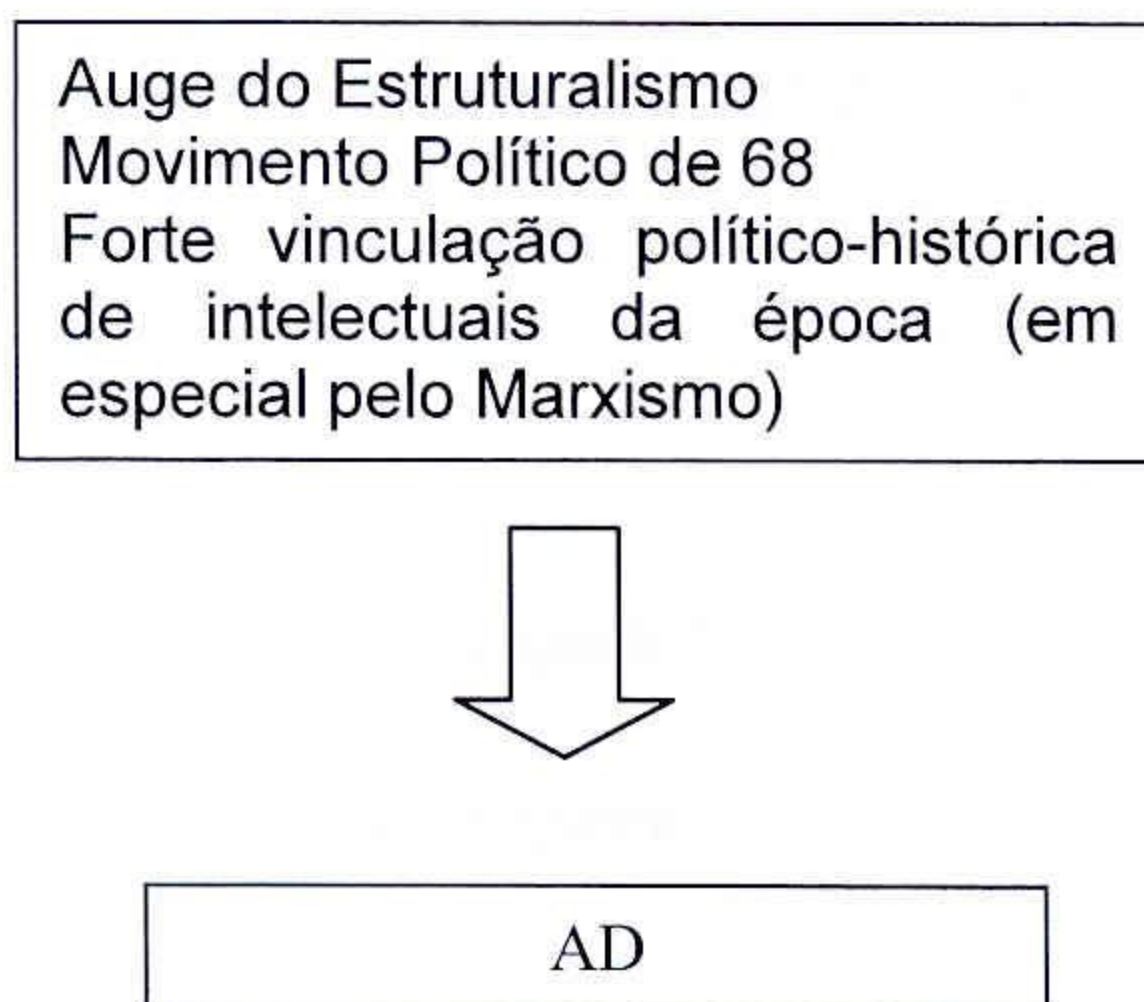


Figura 6

Condições de Produção que situaram Pêcheux a fundar a AD



Cervantes traz uma interdiscursividade com o discurso bíblico do Novo Testamento, falando por parábolas, o que gera um efeito metafórico. Nesse sentido, seu discurso traz diferentes efeitos de sentido para seus interlocutores. Dessa maneira, se comunicava Dom Quixote, ao mesmo tempo em que divertia os poderosos, denunciando-os, pois, somente por este caminho, poderia driblar a Santa Inquisição, acontecimento marcante na época em que viveu o autor e que trazia o discurso autoritário da Igreja Católica. Quem se rebelasse contra o sistema, era severamente punido, muitas vezes, com a morte.

A gênese da AD tem como filiação teórica o Estruturalismo (Saussure), o Materialismo Histórico (Marx) e a Psicanálise (Lacan). Vale salientar que a AD trata de uma disciplina que teve como berço histórico e ideológico a França, do final dos anos 60. Já o nosso objeto de estudo (Dom Quixote) tem sua base fundamentada nas novelas pastoris, picarescas e, principalmente, nas de cavalarias e se originou histórico e ideologicamente na Espanha do Século de Ouro ¹⁷. Apesar da distância que os separa, observamos que há traços em comum na origem de cada um, pois ambos têm uma formação de entremeio e

¹⁷ Período da literatura espanhola que uniu os séculos XVI e XVII com esta denominação.

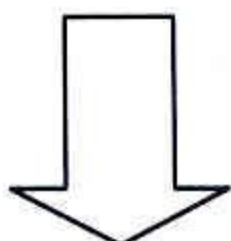
surgiram em épocas conflituosas; a AD, no auge do estruturalismo e do movimento político de maio de 68, na França e DQ, no período inquisitorial e no declínio do Império Espanhol.

As figuras 7 e 8 tratam de nova aproximação entre Pêcheux e Cervantes, uma vez que ambos lutam em favor dos oprimidos.

Figura 7

Relação opressor X oprimido

Pêcheux

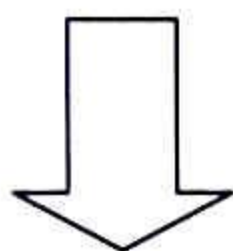


Pêcheux tem o ideal do marxismo na política e partilha convicções sobre luta de classes, história e movimento social.

Figura 8

Relação opressor X oprimido

Cervantes



Cervantes criou um personagem que liberta os oprimidos. DQ tem a convicção de que lutando contra os poderosos (em especial a Inquisição) será capaz de driblar os inquisidores. A ironia e a “loucura” geram efeito contrário nos opressores, a quem conquista.

Na nossa revisão de literatura, Riquer (1970) afirma que a Espanha toda está contida dentro de Dom Quixote. Partindo desse pressuposto, as influências literárias em DQ são muitas. Encontramos, em sua gênese, além das fontes citadas neste capítulo, em 1.1, a história alusiva aos reis católicos, os mouros, os cristãos e judeus, suas línguas, suas religiões e costumes desde aí até o período do Pré e do Pós-Renascimento, além da presença de Erasmo de Rotterdam com sua obra o *Elogio da loucura*, até a decadência do Império Espanhol (BASANTA, 2005). Tudo isso gera efeitos de sentido no personagem protagonista.

Algo semelhante acontece a DQ, pois rompe com o poder dominante e epistemológico da época, deslizando da FD (religiosa) para a FD (do humor) nos efeitos discursivos da Inquisição, para driblar os poderosos. Um exemplo da afirmação acima é a passagem de DQ, quando surra os frades do caminho, chamando-os de gente endiabrada, descomunal e raptores de princesas (RICO 2005, p.109). Dom Quixote tem autoridade discursiva, pois fala do lugar de cavaleiro (relações de força), pois em suas formações imaginárias vê o que não está ali e ouve o que ninguém falou.

No próximo capítulo, trataremos da metodologia desta pesquisa, procurando marcar a seleção e constituição do *corpus* e a análise discursiva, a partir dos procedimentos analíticos da AD.

CAPÍTULO II: NO FIO DA ESPADA: UMA TEORIA E UM MÉTODO DE PESQUISA

“Me moriré de viejo y no acabaré de comprender al animal bípede que llaman hombre, cada individuo es una variedad de su especie.”

Miguel de Cervantes

“[...] toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com relação ao todo complexo com dominante das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]”.

Michel Pêcheux

Este capítulo tem por finalidade mostrar os procedimentos metodológicos no desenvolvimento desta pesquisa. O primeiro segmento classifica o estudo. Os que vêm a seguir tratam dos aspectos que se referem à seleção dos recortes discursivos e a constituição do corpus.

2.1. Modelo Conceitual

Em nossa pesquisa, aplicaremos o pressuposto metodológico da pesquisa qualitativa e o procedimento analítico da AD. Assim, situaremos a metodologia a ser utilizada.

Para a realização deste trabalho, é de fundamental importância entender o aparato teórico e metodológico que o norteia. Nesse sentido, caminharemos para a investigação que aqui propomos e que está fundamentada no estudo qualitativo.

Segundo Oliveira (2009), metodologia é um processo que reúne um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, conhecer a realidade e gerar novos conhecimentos. Desta maneira, entendemos que é necessária a

variedade de métodos, pois nos afirma a autora que a metodologia de pesquisa necessita analisar, de diferentes formas, os dados da realidade.

Segundo Demo (2009), a pesquisa qualitativa é ressaltada de acordo com seus métodos, embora eles sejam apenas instrumentos. O autor ainda afirma que as metodologias têm limitações e por isso vale sempre a pena tentar outras direções. Partindo desse pressuposto, Oliveira (2010) salienta que é preciso entender que abordagens quantitativas (não é o nosso caso) e qualitativas não são excludentes, afirmando ainda que elas se complementam, visto que há fatos que são do domínio quantitativo e outros do domínio qualitativo. Podemos concluir que a diferença entre essas duas abordagens da realidade social é de caráter inato e não de escala hierárquica.

Partindo dessas conclusões, Minayo (2010) ressalta que o universo da produção humana se resume no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa, que dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

Na pesquisa proposta, nos apoiamos em Minayo (2010) e Oliveira (2010), e pretendemos encontrar respostas para nosso estudo, visto que, para a primeira autora, este tipo de pesquisa é importante nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois

em pesquisa de abordagem qualitativa todos os fatos e fenômenos são significativos e relevantes, e são trabalhados através das principais técnicas: entrevistas, observações, análise de conteúdo, estudo de caso e estudos etnográficos (OLIVEIRA, 2010, p.38).

Neste aspecto, o método qualitativo se harmoniza com a perspectiva adotada por este trabalho, que é a Análise do Discurso de linha francesa (AD) aplicada à obra em estudo.

Nosso trabalho enlaça literatura e AD, aplicada à obra em estudo, cujo *corpus* discursivo se encontra no primeiro tomo da obra “Don Quijote de La Mancha”, de Cervantes. Essa escolha se deu, primeiro, pela necessidade de haver um recorte do objeto e, em segundo lugar, pelo fato de a história de Dom

Quixote ser contada no primeiro tomo, lugar de dizer do personagem, suas histórias, suas transformações, suas descobertas, suas viagens, no qual o personagem faz as escolhas dos nomes da mulher amada, do seu cavalo, escudeiro, enfim, é no primeiro tomo que Dom Quixote é conhecido pelo leitor. O segundo tomo também é importante e passível de gerar novas pesquisas.

Constituiremos recortes discursivos das falas do personagem e os analisaremos a luz da teoria pecheutiana. Os recortes serão trazidos, frequentemente, do tomo I de várias edições. Consultaremos também as edições comemorativas dos 400 anos de publicação: Rico (2005), Riquer (2005) e Basanta (2005).

A análise se dará conforme as edições da obra alvo; daí por que nossa preocupação em selecionar, analisar e interpretar as contribuições teóricas sobre esta obra. Em seguida, passaremos ao segundo item dessa seção, a seleção dos recortes discursivos.

2.2. Seleção dos recortes discursivos

No início do nosso trabalho, procuramos marcar os motivos pelos quais escolhemos Dom Quixote como objeto de estudo de nossa pesquisa. Destacaremos, abaixo, uma sinopse do Tomo I, de modo a facilitar a compreensão do leitor, mais adiante, na constituição dos recortes e análise do *corpus* discursivo.

O Tomo I da obra Dom Quixote de la Mancha de Miguel de Cervantes narra a história do fidalgo Alonso Quejana que, ao envolver-se com a leitura dos livros de cavalaria, perde o juízo, vende suas terras para comprar tais livros. Ao lê-los, se identifica às novelas de cavalaria, passando a chamar-se Dom Quixote, personagem criado por Cervantes, na obra de mesmo nome.

Assim acontecia às novelas que antecederam a Cervantes, como *Amadís de Gaula*, *Palmerín de Inglaterra*, em que o nome do personagem protagonista era agregado ao lugar de origem. Desta imitação, surgiram Dom Quixote de La Mancha e sua amada *Dulcinea de Toboso*. Algumas vezes,

depois de uma batalha se unia ao nome uma alcunha como título de bravura, como em Dom Quixote: “O Cavaleiro da Triste Figura”.

Para ingressar na ordem dos cavaleiros andantes, além de seguir alguns rituais de iniciação, a pessoa tinha que ter escudeiro, ser obediente à Santa Madre Igreja Católica, ter linhagem e pátria, que honrava muito ter o sobrenome dela, também era indispensável levar suas armas como nos diz Dom Quixote: “cavaleiro andante sem amores é árvore sem folha e sem fruto, e corpo sem alma” (BASANTA, 2005, p.82).

Acerca da idade do cavaleiro, nos informa Amorós (1999), que ele tinha em torno de cinquenta anos [...], era seco de carnes e enxuto de rosto, e ficou louco de dormir pouco e ler muito. A este respeito, Riquer (1970) afirma que sua loucura é consequência de uma autêntica intoxicação literária de tanto ler livros de cavalaria.

Segundo Jones (1998), o cavaleiro toma por modelo Amadís de Gaula. Este livro contém reminiscências de muitas outras novelas e seu personagem, de mesmo nome da obra, exagera em suas imitações. Dom Quixote remonta o modelo da antiga cavalaria e também faz sacrifícios à ausência da mulher amada, como era comum naquela novela.

Na época em que Cervantes escreveu sua novela, a Espanha passava por conflitos políticos, sociais e religiosos e o país vivia no auge da Inquisição. Cervantes criou um personagem que permeava esta situação e que, em suas Formações Imaginárias, transformava a realidade em forma de humor.

Como dizíamos anteriormente, a novela em estudo, possui mais de 700 personagens, mas somente dois deles movem a história do início ao fim: Dom Quixote, o protagonista e Sancho Panza, o antagonista. Os secundários também têm sua importância e, como os principais, são afeiçoados ao humor. Por este motivo, destacaremos nessa sinopse alguns deles.

El cura era licenciado por Sigüenza (Capítulo I), lugar atrasado inclusive nos dias atuais. Talvez por isso, Cervantes duvide de sua competência como membro inquisitorial. Este clérigo é representante da Inquisição para escrutinar a biblioteca de Dom Quixote e queimar os livros que contrariavam os ensinamentos da doutrina católica. Tem como seus auxiliares o barbeiro, a ama e a sobrinha do cavaleiro.

Estes personagens veem os livros como se fossem seres humanos e os tratam como bruxos e hereges, inclusive os de cavalaria são os verdadeiros culpados por subverterem a moral cristã. Por isso, são condenados à fogueira, como eram os seres humanos.

O *barbeiro* conhecia as obras de cavalaria, e chegava a discutir com o *cura* a importância de cada uma. Com isso, Cervantes rompe com as tradições da época, que somente o clero detinha o conhecimento. Por esse motivo, faz uma inversão de valores, mostrando que o *vulgo* também pode ser detentor de conhecimento (Cap. VI).

No tocante ao humor, a participação da *ama do cavaleiro* é muito importante. Esta serviçal, analfabeta como a maioria das mulheres da época, além de cuidar das obrigações domésticas, curava as feridas do cavaleiro. Cervantes leva as mulheres a participar dos movimentos sociais, a *ama*, apesar de submissa, é alçada a inquisidora, posição que a igreja não aceitava, pois, para esta instituição, a figura feminina era ignorada.

Segundo Falcón (1997), Cervantes foi o primeiro a emancipar as mulheres. Dom Quixote alça todas elas, independentemente da posição que ocupem. A *ama do cavaleiro* é deslocada de curandeira a mãe, e falando do lugar desta, recorda os ferimentos recebidos das batalhas das quais participou seu amo e os meios que utilizou para curá-lo. Conta-nos Amorós (1999, p. 456), “[...] gastei mais de seiscentos ovos, como o sabe Deus e todo o mundo, e minhas galinhas, que não me deixariam mentir”.

A *sobrinha* sabia ler e escrever e, assim, combatia o desejo de poeta de seu tio. Como salienta Amorós (1999), fazer-se poeta é enfermidade incurável e contagiosa. Cervantes descreve seus personagens de acordo com a sociedade da época. *Sancho*, escudeiro rústico e analfabeto, juntamente com seu amo, subverte a ordem dos andantes, ajudando a desmontar a antiga cavalaria com seus conselhos e refrãos, não só em suas viagens, como dialogando com sua mulher. Sancho Panza dizia que “conselho de mulher é pouco, aquele que não toma é louco”, assim afirma Basanta (2005, p. 592).

Teresa, mulher de Sancho, apesar de ser analfabeta, mostrava preocupação com casamento e estudo dos filhos, enquanto o marido sonhava em casar sua filha com um nobre. Teresa, por ser mulher, não tinha voz, mas, mesmo assim, discutia posição social, preferia casar a filha com o filho do

vizinho, que tinha visto nascer e, além do mais, sabia que era homem, não queria entregar sua filha a um nobre, por duvidar de sua masculinidade. Por isso, tratava as crianças vizinhas como se fossem filhos de suas entranhas (Amorós, 1999, p.447-48). Em seguida, passaremos ao terceiro item dessa seção, a constituição do *corpus*.

2.3. Constituição do corpus

Para realizar nossa pesquisa, constituímos recortes discursivos selecionados do Tomo I referentes aos capítulos II, III, IV, V e VIII da obra em estudo. Para isso, apresentamos nos procedimentos analíticos da AD e traremos os autores da AD para dialogarmos acerca desse método de análise.

Orlandi (2012) nos diz que o analista por meio de suas análises deve “explicitar os processos de identificação pela sua análise: falamos a mesma língua, mas falamos diferente. Se assim é, o dispositivo que ele constrói deve ser capaz de mostrar isso, de lidar com isso. Esse dispositivo deve poder levar em conta ideologia e inconsciente assim considerados” (ORLANDI, 2012, p.60).

A AD analisa o discurso, levando em conta as suas condições de produção e os sujeitos, não trabalha com a língua acabada, fechada, mas com o discurso em movimento, com seu dinamismo atuando no contexto social. Embora cada analista parta dos mesmos pressupostos de análise, há possibilidade de diversificar os procedimentos, desde que esses estejam vinculados à teoria.

Orlandi (2012, p.26) salienta que a AD visa compreensão da produção de sentidos de um objeto simbólico, e como ele significa para e por sujeitos. Ela vai mais além, pois

cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais (ORLANDI, 2012, p.27).

Orlandi (2012) ainda nos diz que o dispositivo teórico de uma interpretação e o analítico construído pelo analista a cada análise, embora o primeiro encampe o segundo, “estamos pensando no dispositivo teórico já ‘individualizado’ pelo analista em uma análise específica”. Assim, repetimos com a autora: “o dispositivo teórico é o mesmo, mas os dispositivos analíticos, não” (ORLANDI, 2012, p. 27).

Conforme destaca Orlandi (2012), são considerados dois momentos da análise discursiva propriamente dita:

a) interpretação faz parte do objeto de análise, isto é, o sujeito que fala interpreta, logo o analista deve interpretar o que diz esse sujeito que constitui o sentido que se submete à análise.

b) já no segundo momento, se faz necessário compreender que não há descrição sem compreensão. Por isso, a necessidade do dispositivo teórico para interceder na relação dos analistas com aquilo que ele analisa. Daí, surge um deslocamento do sujeito com a interpretação, assim o analista trabalha no seu verdadeiro lugar: os entremeios da descrição com a interpretação.

O analista do discurso procura alçar o aparentemente opaco da linguagem, ele não procura o sentido “único e verdadeiro”, mas a relação com que interpreta, fazendo ligação com o ideológico e o social.

Há diversos procedimentos da Análise do Discurso, como por exemplo, o estudo de um texto em sua totalidade, procurando marcas que o caracterizam. Neste caso, analisam-se palavras ou frases-de-base que determinam a especificidade do texto (ORLANDI, 1987, p.259). Uma outra possibilidade - escolhida para a nossa análise – foi a constituição de segmentos de discursos que tratem de recortes da obra Dom Quixote, de Cervantes, e a sua confrontação, através da análise das formações discursivas, com o objetivo de caracterizar quais funcionamentos discursivos estão sendo mobilizados nos segmentos.

A Análise do Discurso é teoria e procedimento de análise, portanto é capaz de garantir, por seu rigor científico, a fundamentação e o processo analítico de um objeto de estudo.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DE CORPORA DISCURSIVOS DE DOM QUIXOTE

“En la lengua consisten los mayores daños de la vida humana”.

Miguel de Cervantes

“Um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

Michel Pêcheux

Neste capítulo, procuramos trazer as questões norteadoras, presentes nas considerações iniciais, para orientar as análises discursivas, pontos cruciais deste tópico. São elas: Quais as condições de produção da novela Dom Quixote? Que formações discursivas e ideológicas estão presentes na obra? Que exemplos de heterogeneidade discursiva mostrada e constitutiva podemos observar em recortes do texto de Cervantes?

Assim, será realizada a análise dos recortes discursivos constituídos por nós, referentes ao tomo I do livro Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, desde quando ele se preparava para se armar cavaleiro, prosseguindo-se até após receber a ordem de cavalaria. Os mesmos se referem aos capítulos II, III, IV, V e VIII e, em um discurso da Cavalaria, evidenciam a heterogeneidade discursiva, as formações imaginárias, formações discursivas/ ideológicas, conceitos que pretendemos analisar discursivamente.

Ao ver nuvens de poeira levantadas pelos dois rebanhos vindos em direção oposta do mesmo caminho, Dom Quixote faz alusão ao discurso dos andantes da cavalaria, transforma ovelhas em exército e, por efeito da antecipação, cada animal será transformado em general, imperador, ou príncipes e, cada representante dessas hierarquias, leva gravado em suas

armas o brasão da dinastia que representa e, em alguns, o nome da mulher amada¹⁸.

Como se pode analisar em toda a obra do autor, ele é capturado pelas leituras anteriores, nas quais o protagonista *cavaleiro* desliza metaforicamente para a literatura do amor cortês, proveniente dos trovadores medievais e da literatura provençal. Isto faz gerar efeitos de sentido variados, como, por exemplo, o surgimento do amor entre Dom Quixote-Dulcinea, visto que a mulher, nas leituras de Cervantes sobre Cavalaria, remete à Formação Discursiva (FD) do divino e platônico para o cavaleiro andante.

Outras leituras antecederam a obra de Cervantes, como as novelas de cavalarias, as pastoris, a picaresca, a mourisca, os cronistas da Índia e os livros de viagens como vimos em Basanta (2005).

Todas estas fontes são conhecidas por Cervantes, o autor as contempla em sua novela e, todas elas, com exceção da picaresca, obedecem aos padrões da Inquisição, embora a FD de Dom Quixote não tenha a mesma Formação Ideológica (FI) dos cavaleiros medievais, pois estes seguem o discurso da Igreja e Dom Quixote, por ser atípico, finge loucura, como afirmam Salas *apud* Gaos (1988) e Basanta *apud* Santos (2005) (FD da loucura).

Para denunciar a hipocrisia dos poderosos da época, como acontece no capítulo XXII, DQ denuncia os maus tratos aos condenados a remar galés do império para o Novo Mundo. Aqui, DQ mostra claramente a sua desidentificação à FD Religiosa da Inquisição, uma vez que se filia à FD da Loucura, no sentido de defender a liberação de marginais. Os efeitos de sentido gerados na Santa Irmandade atestam o fingimento da loucura de DQ, uma vez que a Igreja não se sente agredida. Ao contrário, seu discurso libertador provoca risos, em lugar de agressão e, dessa maneira, suas peripécias se confundiam com sua autoridade.

Conforme já informado anteriormente, os procedimentos analíticos seguirão a mesma proposta teórica, ou seja, a Análise do Discurso de linha francesa.

¹⁸ Como era de costume, um cavaleiro tinha que ter sua dama, pois “um cavaleiro andante sem amores era árvore sem folha e sem fruto, e corpo sem alma” (AMORÓS, 1999, p.54).

No recorte discursivo 1, interessa-nos analisar o funcionamento da ironia no discurso de Dom Quixote, analisando a recepção que o mesmo recebeu na venda do caminho pelas prostitutas e arreeiros que ali faziam suas noitadas. Nesse sentido, procuraremos marcar o funcionamento das formações imaginárias, da memória e do esquecimento em dom Quixote.

Recorte Discursivo 1

Llegó a la venta que a él le parecía castillo, y a poco trecho de ella detuvo las riendas a Rocinante, esperando que algún enano se pusiese entre las almenas a dar señal con alguna trompeta de que llegaba caballero al castillo. Pero cuando vio que tardaban y que Rocinante se daba prisa por llegar a la caballeriza, llegó a la puerta de la venta, y vio a dos distraídas mozas que allí estaban, que a él le parecieron dos hermosas doncellas o dos graciosas damas que delante de la puerta del castillo se estaban solazando. En esto sucedió por azar que un porquero que andaba recorriendo de unos rastrojos una manada de puercos - que, sin perdón, así se llaman - tocó un cuerno, a cuya señal ellos se recogen, y al instante se le representó a don Quijote lo que deseaba, que era que algún enano hacía señal de su venida, y así, con extraño contento llegó a la venta y a las damas, las cuales, cuando vieron venir a un hombre de aquella suerte armado, y con lanza y adarga, llenas de miedo se iban a entrar en la venta; pero don Quijote [...], les dijo: - No fuyan las vuestras mercedes ni teman desaguizado alguno; ca a la orden de caballería que profeso non toca ni atañe facerle a ninguno, cuanto más a tan altas doncellas como vuestras presencias demuestran. Mirándole las mozas [...]; mas cuando se oyeron llamar doncellas, cosa tan fuera de su profesión, no pudieron contener la risa (BASANTA, 2005, p.85-86).

Ao Chegar à venda que lhe parecia castelo, a pouca distância deteve as rédeas a Rocinante, esperando que algum anão se pusesse entre as torres a dar sinal de trombeta de que chegava cavaleiro ao castelo. Vendo, porém que tardava e que Rocinante mostrava pressa em chegar a estribaria, chegou à porta da venda, e viu duas distraídas moças que ali estavam, que a ele lhe pareciam duas formosas donzelas, ou duas graciosas damas, que diante das portas do castelo se espareciam. Nisso, sucedeu por casualidade que um porqueiro, que andava recolhendo dos campos a sua manada

de porcos, que sem perdão, assim se chamam, tocou uma trombeta, a cujo sinal eles se recolhem. No mesmo instante se apresentou a Dom Quixote, um anão que anunciava a sua chegada. E assim, com estranho contentamento, chegou à venda, e as damas vendo acercar-se um homem daquela maneira armado, com lança e escudo, cheias de medo entraram na venda. Dom Quixote, [...] disse-lhes: - Não fujam Vossas Mercês, nem temam nenhuma desfeita, porque a ordem de cavalaria que professo não permite que ofendamos a ninguém, quanto mais a tão altas donzelas, como vossas presenças demonstram. Miravam-lhe as moças [...], mas quando ouviram chamar donzelas, coisa tão fora de uso ao seu modo de vida, não puderam conter o riso (tradução livre do pesquisador).

O recorte discursivo 1 é retirado do capítulo II do tomo I da obra e se passa numa venda que também é hospedagem. Este local é transformado por Dom Quixote em castelo e por ser ambiente nobre, o cavaleiro esperava que entre suas torres surgisse um anão para anunciar sua chegada com sinal de trombeta.

Ao adentrar, o visitante encontrou duas moças a quem transformou em damas e neste momento surgiu um porqueiro, que com toque de trombeta, recolhia dos campos seus porcos e também se apresentou ali um anão que anunciou a chegada do cavaleiro.

Uniam-se em meio a essa confusão, prostitutas e porcos e não era permitido pronunciar o nome desse animal num ambiente nobre, por isso, se pedia perdão pela falta de respeito ao fazê-lo, principalmente neste ambiente, pois chamar uma pessoa de porco era uma grande ofensa.

O discurso do cavaleiro se remete a sujeira; as palavras *porcos* e *prostitutas* serviam para mostrar a corrupção, as injustiças, a decadência dos valores sociais que aconteciam entre os nobres e que se refletia entre os pobres, trazendo como consequências miséria e prostituição.

Ao avistar duas mulheres prostitutas na porta da venda, dom Quixote se remete a elas como nobres, oferecendo-lhes o tratamento, inclusive, de donzelas. O humor no texto é predominante e tudo remete às condições de produção.

Nesta época, as palavras *donzela* e *dama* tinham muita importância e eram quase como um título de nobreza. Dom Quixote vai mais além, trata as

prostitutas como *donzelas*. Ao ouvirem essas estranhas palavras, as moças começam a rir efusivamente, pois, como dizem, estas palavras estão fora de uso na profissão.

O efeito de sentidos que é observado no deslizamento da palavra *prostituta* para *donzela/dama* gera uma negação do *status quo* e um deslocamento nos valores sociais. Há uma cristalização no interdiscurso, em que *prostituta* não pode conviver socialmente com nobres (cavaleiros), sendo associada a porcos, a sujeira, a estar em vendas (hospedaria). Ao mesmo tempo, Dom Quixote desloca essas formações imaginárias. As prostitutas transformam-se em senhoras dignas, que habitam um castelo e são tratadas com todo o respeito por parte do cavaleiro.

Há uma relação do segmento discursivo 1 com a Formação Discursiva Cristã, quando os fariseus tentam apedrejar a mulher adúltera e Jesus ordena que “aquele que não tem pecado, que atire a primeira pedra” (Jn 8. 7).

O recorte discursivo que vamos analisar, em seguida, é do capítulo II e se passa numa venda. No momento em que o vendeiro recepciona o cavaleiro, este o transforma em senhor do castelo, chamando-o de castelhano: administrador de castelo. O tratamento gera um efeito polissêmico, pois o transformado não é nem administrador, nem tampouco de Castela, mas natural das praias de Sanlúcar, terra que não dá prazer tê-la como berço, por ser habitada por ladrões ou burladores, como salienta Amorós (1999).

Quanto a Dom Quixote, a ausência de leito não lhe trazia preocupação, pois seu estado de vigília poderia ser até quase que permanente, segundo ele, já que esperava ser armado cavaleiro a qualquer momento. Dessa forma, passar uma noite em claro não seria problema, devido à expectativa pela cerimônia.

Recorte Discursivo 2

-Si vuestra merced, señor caballero, busca posada, amén de lecho (porque en esta venta no hay ninguno), todo lo demás se hallará en ella en mucha abundancia. Viendo don Quijote la

humildad del alcalde de la fortaleza, que tal le parecieron a él el ventero y la venta, respondió: -Para mí, señor castellano, cualquier cosa basta [...]. Pensó el huésped que el haberle llamado castellano había sido por haberle parecido de los sanos de Castilla, aunque él era andaluz, y de los de la playa de Sanlúcar, no menos ladrón que Caco [...], y así le respondió: - según eso, las camas de vuestra merced serán duras peñas, y su dormir, siempre velar; y siendo así, bien se puede apear, con seguridad de hallar en esta choza ocasión y ocasiones para no dormir en todo un año, cuanto más en una noche (RICO, 2005, p. 54-55).

-Se Vossa Mercê, senhor cavaleiro, busca pousada, excetuando leito, que nenhum há, tudo mais achará nela em abundância. Vendo Dom Quixote a humildade do prefeito da fortaleza, que a ele lhe pareceram vendeiro e venda, respondeu: - Para mim, senhor castelhano, qualquer coisa basta [...]. Pensou o hospedeiro que o nome castelhano tinha sido por haver-lhe parecido nativo de Castela; embora sendo andaluz das praias de Sanlúcar, não menos ladrão que Caco [...], e assim lhe respondeu: - segundo isso, as camas de Vossa Mercê serão duras penhas, e o dormir, sempre velar, e sendo assim, se pode muito bem apear, com a certeza de achar nesta casa ocasião e ocasiões para não dormir durante um ano, quanto mais por uma noite (tradução livre do pesquisador).

O senhor do castelo, ao perceber o estado do cavaleiro, informa-lhe que naquele estabelecimento há tudo em abundância, excetuando-se cama. Nas formações imaginárias¹⁹ do hospedeiro, dizer que não havia cama, gerava o efeito de sentido de dizer que não era bem-vindo ali aquele tipo de hóspede.

A interdiscursividade é observada quando DQ mostra a corrupção e a hipocrisia, relacionando-as ao lugar e à época: *sanos de Castilla* eram pessoas nativas e decentes da região; ser das praias de Sanlúcar era ser como *Caco*, ladrão na mitologia, filho de Vulcano. Podemos observar a heterogeneidade constitutiva da obra com a mitologia grega, conforme atesta Authier-Revuz (1990). Aí tem sua origem o nome *Caco* aplicado aos ladrões.

Caco é filho de Vulcano. Na mitologia, seu nome é aplicado aos ladrões; no Dicionário da Real Academia Espanhola (RAE) encontramos que *ser um*

¹⁹ No caso em análise, relações de força – situação do protagonista do discurso, segundo Orlandi (2012).

caco é ser um ladrão que rouba com destreza, inclusive sua especialidade era roubar gado e esconder em covas. Habilidoso que era, obrigava os animais a caminhar de costas, com o objetivo de levar os outros a acreditarem que o gado havia saído, no lugar de entrado.

Dom Quixote se relaciona com a mitologia em vários capítulos de sua obra e para que não nos estendamos sobre o tema, daremos como exemplo apenas os capítulos II (ao trazer o personagem Caco) e o VIII, referente à batalha do cavaleiro com os moinhos de vento. Neste último capítulo, o autor faz alusão a Briareo, um gigante da mitologia que tinha cem braços, comparando-os com as pás do moinho. Sobre isto, Amorós (1999, p. 83) nos diz que “levantou-se um pouco de vento e as grandes pás começaram a mover-se, visto isso, Dom Quixote disse: embora movais mais braços que os do gigante Briareo, haveis de pagar-me”.

O recorte discursivo 3, que vamos analisar em seguida, é constituído do capítulo II e se passa na mesma venda dos segmentos anteriores. O cavaleiro é atendido pelas rameiras e auxiliado pelo taberneiro.

Estando nessa contenda, chegou um castrador de porcos, e tocou sua gaita por quatro ou cinco vezes. Dom Quixote, depois de ouvi-lo, confirmou encontrar-se num castelo. A partir desse momento, começa a fazer suas transformações. Em suas formações imaginárias, vê as rameiras transformadas em damas; o vendeiro, em senhor do castelo; os abadejos, em trutas e o pão, em candial.

Ao apropriar-se do discurso cavaleiresco, suas condições de produção levaram DQ a crer que participava de uma cerimonia especial, que acreditou ser um prenúncio à sua saída para viajar como cavaleiro, embora, não lhe fosse oficializado participar de nenhuma aventura, por não ter sido armado oficialmente, mesmo assim, se sente ocupando este lugar.

Recorte Discursivo 3

[...] al darle de beber, no fue posible, ni lo fuera si el ventero no horadara una caña, y puesto un cabo en la boca, por el otro le iba echando el vino; y todo esto lo recibía en paciencia, a trueque de no romper las cintas de la celada. Estando en esto, llegó por casualidad a la venta un castrador de puercos, y, así como llegó, sonó su silbato de cañas cuatro o cinco veces, con lo cual acabó de confirmar don Quijote que estaba en algún famoso castillo, y que le servían con música, y que el abadejo eran truchas, el pan, candeal, y las rameras, damas, y el ventero, castellano del castillo, y con esto daba por bien empleada su determinación y salida. Mas lo que más le fatigaba era el no verse armado caballero, por parecerle que no se podría poner legítimamente en aventura alguna [...] (RICO, 2005, p. 58).

[...] dar-lhe de beber, não seria possível, se o vendeiro não furasse um bambu, atravessando os nós e, metendo-lhe na boca por uma das extremidades, e pela outra lhe vertendo o vinho. E tudo aquilo ele recebia com paciência, para que não lhe rompessem os cordões que prendiam o seu escudo. Estavam nessa peleja, quando chegou à venda um castrador de porcos e, assim que chegou, tocou sua gaita de bambu quatro ou cinco vezes. Com isso, acabou de confirmar a Dom Quixote que se encontrava num famoso castelo, e que lhe serviam com música, e que os abadejos² eram trutas; o pão, candial³; as rameiras, damas e o taberneiro, castelhano do castelo e, com isto, estava determinada a sua saída para viajar como cavaleiro. O que mais lhe atormentava era não se ver ainda armado cavaleiro, por parecer-lhe que antes disso não lhe era dado entrar legítimamente em aventura alguma (tradução livre do pesquisador).

Aproveitando-se da recepção irônica e da necessidade de deslocar os sentidos das coisas segundo seu gracioso humor, dom Quixote desloca o discurso cavaleiresco em realismo cômico, a partir dos inúmeros efeitos metafóricos de seu discurso.

No discurso do cavaleiro, tudo é possível acontecer. Ele faz as mais absurdas transformações, a ponto de unir realidade com loucura ou fingimento, para que tudo aconteça segundo sua vontade. Com isso, remete o discurso das novelas de cavalaria às riquezas chegadas do Novo para o Velho Mundo e neste, começando o período de decadência da Espanha, que coincide também com a queda das novelas de cavalaria. Surge daí, um novo olhar e uma novela

moderna, conforme falávamos anteriormente, criada por Cervantes, que, ao ironizar a novela de cavalaria, traz o novo à tona.

O recorte discursivo 4, a seguir, está inserido no capítulo III, passa-se em uma venda e trata de um discurso da cavalaria. É transmitida uma ordem ao noviço cavaleiro por autorização do senhor castelhano, auxiliado pelas damas do castelo, em uma celebração feita com muito humor e dificuldade para conter o riso.

Neste recorte, interessa-nos discutir o dizer de Dom Quixote, analisando o tratamento *dom*, dado às damas pela mercê que elas lhe transmitiram.

Recorte Discursivo 4

Advertido y medroso de esto el castellano [...] mandó a una de aquellas damas que le ciñese la espada, la cual lo hizo con mucha desenvoltura y discreción, porque no fue menester poca para no reventar de risa a cada punto de las ceremonias; pero las proezas que ya habían visto del novel caballero les tenía la risa raya. Al ceñirle la espada dijo la buena señora:

_ Dios haga a vuestra merced muy venturoso caballero y le dé ventura en lides

Don Quijote le preguntó cómo se llamaba, porque él supiese de allí en adelante a quién quedaba obligado por la merced recibida, porque pensaba darle alguna parte de la honra que alcanzase por el valor de su brazo. Ella respondió con mucha humildad que se llamaba la Tolosa [...], y que dondequiera que ella estuviese le serviría y le tendría por señor. Don Quijote le replicó que, por su amor, le hiciese merced que de allí adelante *se pusiese don y se llamase doña Tolosa. Ella se lo prometió, y la otra le calzó la espuela, con la cual le pasó casi el mismo coloquio que con la de la espada. Preguntóle su nombre, y dijo que se llamaba la Molinera, y que era hija de un honrado molinero de Antequera; a la cual rogó don Quijote que se pusiese don, y se llamase doña Molinera, ofreciéndole nuevos servicios y mercedes* (BASANTA, 2005, p. 94).

Advertido e medroso, o castelhano [...] mandou uma daquelas damas que lhe pusesse a espada, a qual o fez com muito desembaraço e discrição; não foi fácil desfazer o riso em cada

momento da cerimônia; mas as proezas que já tinham visto do novo cavaleiro, lhes tinha o riso abundante. Ao colocar-lhe a espada, disse-lhe a boa senhora:

-Deus faça a Vossa Mercê bom cavaleiro com fortuna e lhe dê boa sorte nas batalhas.

Perguntou-lhe dom Quixote como se chamava, para que ele soubesse que dali em diante ficava obrigado pelo favor recebido, porque pensava dar-lhe alguma parte da honra que alcançasse pelo valor de seu braço. Ela respondeu com muita humildade que se chamava Tolosa [...] e, em qualquer parte que ela estivesse lhe serviria e o teria por seu senhor. Dom Quixote replicou-lhe, que por seu amor, lhe fizesse mercê que daí em diante se pusesse dom e se chamasse dona Tolosa. Ela prometeu-lhe e, a outra lhe calçou as esporas, com esta se passou quase o mesmo colóquio que com a da espada. Perguntou-lhe seu nome e, disse que se chamava Molinera, e que era filha de um honrado moleiro de Antequera; dom Quixote rogou que se pusesse dom, e se chamasse Dona Molinera, oferecendo-lhe novos serviços e mercês (tradução livre do pesquisador).

No século XVII, tinham direito a usar o tratamento *dom/dona*, somente determinadas pessoas, não estas prostitutas, evidentemente, nem sequer dom Quixote. Segundo Rosenblat (1995), Felipe II, em 1586, proibiu ao vulgo o uso do tratamento *vuestra merced*, depois foi extensivo a *don*. Em DQ, seu uso é frequente em tratamentos insultantes (o uso se remonta a Idade Média).

Cervantes, de um modo geral, ironiza os costumes da época, tanto no tocante à religião, como para a sociedade em geral. Ele sempre se refere à honra, ao poder, à Inquisição; sua veia humorística chega a extrapolar.

O capítulo III é uma paródia. Era de costume acontecer às novelas de cavalaria cerimônias para velar armas e armar cavaleiro. Tolosa é uma das assistentes que ajuda na cerimônia e passa a espada ao noviço cavaleiro. Dom Quixote (falando da posição de cavaleiro), agradecido pelo ato de amor, logo se sentiu com autoridade para dar ordens, exigindo que, a partir daquele momento, a rameira fosse tratada como dona Tolosa.

O recorte discursivo aponta para as condições de produção, em especial, as relações de força do discurso. No momento em que é sagrado cavaleiro, Dom Quixote assume o poder na escala hierárquica e muda de posição no discurso, passando a dar ordens aos subordinados. Naquele momento, ele era autoridade, deslocando-se de dominado a dominador.

O recorte discursivo 5 encontra-se no capítulo IV e acontece após Dom Quixote ser armado cavaleiro, sendo esta sua primeira saída, em busca de aventura e justiça.

Interessa-nos discutir o dizer de Dom Quixote, analisando o tratamento dado aos viajantes do caminho com os quais cruza. Desse modo, procuraremos marcar as formações imaginárias, memória discursiva e interdiscursividade em Dom Quixote. A seguir, teremos o recorte discursivo, seguido de análise.

Recorte Discursivo 5

[...] - Todo el mundo se tenga, si todo el mundo no confiesa que no hay en el mundo todo, doncella más hermosa que la emperatriz de la Mancha, la sin par Dulcinea del Toboso [...].

- Señor caballero, nosotros no conocemos quién sea esa buena señora que decís [...]; si ella fuere de tanta hermosura [...], de buena gana y sin apremio alguno confesaremos la verdad que por parte vuestra nos es pedida.

[...] La importancia está en que sin verla lo habéis de creer (BASANTA, 2005, p. 99).

- Todo o mundo se detenha, se todo o mundo não confessa, que não há no mundo, donzela mais formosa que a imperatriz da Mancha, a sem igual Dulcinea doToboso [...].

- Senhor cavaleiro, nós não conhecemos quem seja essa boa senhora que dizeis [...]; se ela fora de tanta formosura [...], de boa vontade e sem recompensa alguma, confessaremos a verdade que nos exigis.

[...] A importância é que sem vê-la, seja capaz de crer. (tradução livre do pesquisador).

Dom Quixote, após armado cavaleiro, fala a partir dessa posição e com muita autoridade, obrigando os viajantes do caminho a confessarem que Dulcinea do Toboso é a donzela de maior formosura no mundo inteiro, sendo considerada por seu cavaleiro, a *Imperatriz de La Mancha*. Apesar do discurso autoritário – sem reversibilidade possível, segundo Orlandi (2012), já que ele enuncia da posição de Dom, os viajantes lhe afirmam que se conhecessem tal senhora, confirmariam sua formosura de boa vontade e sem recompensa, mas Dom Quixote vai mais além, obrigando-os a acreditar sem ver.

O nome da “imperatriz manchega”, por força do efeito de sentidos, caminha do nome divino, *Dulce*, que significa semanticamente a doce virgem Maria, a mãe de Jesus, para *Dulcinea*, a partir de um deslizamento metonímico e do efeito da memória discursiva e interdiscursividade. Vale salientar que há marcadamente uma interdiscursividade com a FD cristã, que por intermédio da memória discursiva, relaciona Dulce e Dulcinea.

A comitiva pede uma prova de fé, ou seja, a exibição de um retrato, para comprovar a beleza e formosura da dama. Dom Quixote nega a prova, o que remete à memória e heterogeneidade discursiva pela passagem do Evangelho (Jn 20. 25 – 29), em alusão à fé que faltava a Tomé, que exigia ver para crer. Também aí, as condições de produção são evidenciadas, em especial, a relação de forças, uma vez que Dom Quixote fala da posição de cavaleiro ordenado, ou seja, hierarquicamente superior, além de trazer ao discurso alguém passível de credibilidade, que precisava ver para crer.

O recorte discursivo 6, que vamos analisar em seguida, é oriundo do capítulo IV e se dá após Dom Quixote ser armado cavaleiro, sendo esta sua primeira saída, em busca de aventura e justiça.

Neste recorte, objetivamos discutir o discurso de Dom Quixote, analisando a posição discursiva assumida por ele quando se encontra com viajantes do caminho. Desse modo, procuraremos marcar as formações imaginárias, memória discursiva e interdiscursividade em dom Quixote.

Recorte Discursivo 6

- Señor caballero [...], suplico a vuestra merced, en nombre de todos estos príncipes que aquí estamos [...], mostrarnos algún retrato de esa señora, aunque sea tamaño como un grano de trigo [...]; diremos en su favor todo lo que quisiere.

- No le mana, canalla infame – respondió don Quijote encendido en cólera [...]. Y [...], arremetió [...] contra el que había dicho, con tanta furia y enojo, que si la buena suerte no hiciera que en la mitad del camino tropezara y cayera Rocinante [...]. Un mozo de mulas de los que allí venían [...], le molió como cibera (AMOROS, 1999, p. 68-69).

- Senhor cavaleiro [...], suplico a Vossa Mercê, em nome de todos estes príncipes que aqui estamos [...] que nos mostre um retrato dessa senhora, ainda que seja do tamanho de um grão de trigo [...], diremos tudo o que quiser em seu favor.

- Não importuna canalha infame – respondeu Dom Quixote em acesso de cólera [...], e [...], arremeteu [...] contra o que lhe havia falado, com tanta ira, e que senão fosse a má sorte de seu cavalo Rocinante tropeçar e cair na metade do caminho [...]. Um moço de mulas dos que ali vinham [...], lhe moeu como bagaço (tradução livre do pesquisador).

O representante dos viajantes suplica a Dom Quixote, em nome de todos aqueles príncipes que ele representa, que lhe mostre um retrato de Dulcinea, ainda que seja pequeno como um grão de trigo. Bastaria isso para que dissessem tudo a seu favor.

Ao ouvi-lo, Dom Quixote respondeu-lhe com palavras grosseiras e partiu para a agressão física. Por falta de sorte, seu cavalo tropeçou e caiu antes que DQ pudesse atingir seu objetivo, sendo agredido a paulada pelo moço de mula, o responsável pelos animais de carga dessa comitiva.

Cervantes, para sua época, era um homem de grande cultura e, apesar da repressão inquisitorial dominante, usava de sua sabedoria para conquistar os poderosos.

Como o recorte discursivo em análise produz sentido? Um dos efeitos de sentido é a memória discursiva, que funciona a partir da literatura sagrada, especificamente ao revolucionário Galileu que, quando estava entre pescadores, lhes mostrava a direção de jogar a rede; se entre fariseus, combatia a corrupção. Este conviveu com a hipocrisia dos poderosos de seu tempo, que, apesar de tudo, ia direto ao seu objetivo: moralizá-los.

Não podendo atuar como Galileu, Dom Quixote criou um personagem, que, em bondade, se assemelhava ao Nazareno, embora não pudesse agir como divino. Em algumas de suas ações, apesar de atitudes humanas, se assemelhava a Jesus. Há uma interdiscursividade à FD cristã.

Seu criador lhe dá poderes para que jogue com dois acontecimentos: romance de cavalaria e o realismo cômico. Dom Quixote recepciona os negociantes do caminho com agressividade e humor, obrigando-os a reconhecerem a beleza de Dulcinea, comparada por ele a uma imperatriz. A interdiscursividade também é observada quando a comitiva compara o tamanho do retrato ao grão de trigo, o que pode remeter, discursivamente, à fé evangélica em alusão ao grão de mostarda (LA BIBLIA, 1992), uma vez que são as obrigações que impõem a fé a todo cristão: crer sem ver (LA BIBLIA, 1992).

O recorte discursivo 7, que vamos analisar em seguida, é proveniente do capítulo V, depois de Dom Quixote ser armado cavaleiro e espancado em sua primeira batalha.

Neste recorte, pretendemos discutir o discurso de Dom Quixote, analisando a posição discursiva assumida por ele quando é encontrado pelo lavrador seu vizinho. Desse modo, procuraremos marcar os efeitos metafóricos, a memória e a heterogeneidade discursivas.

Recorte Discursivo 7

[...] acertó a pasar por allí un labrador de su mismo lugar y vecino suyo [...], viendo a aquel allí tendido [...],

le preguntó que quién era [...]. Don Quijote creyó, sin duda, que aquél era el marqués de Mantua, su tío.

[...] le conoció y le dijo: –Señor Quijana – que así se debía de llamar cuando él tenía juicio [...], cuando el labrador le volvió a preguntar que cómo estaba [...], le respondió las mismas palabras y razones que el cautivo Abencerraje respondía a Rodrigo de Narváez.

[...] –Sepa vuestra merced, señor don Rodrigo de Narváez, que esta hermosa Jarifa que he dicho es ahora la linda Dulcinea del Toboso, por quien yo he hecho, hago y haré los más famosos hechos de caballerías que se han visto [...] en el mundo (BASANTA, 2005, p. 101-103).

[...] coincidiu de passar por ali um lavrador do seu mesmo lugar e vizinho [...], vendo aquele homem ali estendido [...], lhe perguntou quem era [...]. Don Quixote julgou, sem dúvida, ser aquele, o Marquês de Mântua, seu tio.

[...], o reconheceu e lhe disse: - Senhor Quijana – que assim devia chamar-se quando estava em seu juízo [...], quando o lavrador tornou a perguntar como estava [...], lhe respondeu as mesmas palavras e razões que o cativo Abencerraje respondia a Rodrigo de Narvais.

[...] – Saiba Vossa Mercê, senhor Dom Rodrigo de Narvais, que esta formosa Jarifa, a mais linda das mouras, é agora, a linda Dulcinea del Toboso, por quem eu tenho feito, faço e farei as mais famosas façanhas de cavalaria que jamais se viram no mundo, [...] (tradução livre do pesquisador).

O lavrador encontrando Dom Quixote caído no caminho, perguntou-lhe quem era; o cavaleiro em suas formações imaginárias, antecipou estar ouvindo a seu tio, o nobre Marquês de Mântua. Em seguida, Dom Quixote é reconhecido por seu vizinho, que lhe trata por senhor Quijana, nome pelo qual era conhecido antes de ser armado cavaleiro.

Em seguida, o vizinho perguntou-lhe como estava e o cavaleiro respondeu-lhe como o cativo Abencerraje respondia a Rodrigo de Narváez, que Dulcinea era uma formosa jarifa, por quem ele sempre fez e fará as grandes façanhas de cavalaria.

Em recorte anterior, Dom Quixote é espancado pelo moço de mulas da comitiva dos negociantes.

A partir daí, faz as mais absurdas transformações, a ponto de deslocar, via efeito metafórico, seu nome e de seu vizinho para nomes de personagens dos livros de cavalaria. Dessa feita, desloca-os para a novela mourisca, “História del Abencerraje y de la hermosa Jarifa” (RIQUER, 1970, p.56). Podem-se observar os deslocamentos metafóricos na troca do nome do cavaleiro, Dom Quixote, para os de Valdovinos e Abindarráez desta mesma novela, no recorte em análise, já que, entre os cavaleiros, era um hábito comum a mudança de nome.

A memória e heterogeneidade discursivas são observadas quando ele compara a beleza de sua dama, Dulcinea del Toboso, à beleza da Jarifa, a mais bela das mouras, que, segundo a tradição do amor Cortés, a amada era modelo de perfeições e de virtudes.

A seguir, discutiremos o recorte discursivo 8, oriundo do capítulo V, que se dá após Dom Quixote ser encontrado desmaiado e sem sentido no caminho, em consequência das agressões do moço de mula.

Neste recorte, interessa-nos analisar a posição discursiva de Dom Quixote, analisando a posição discursiva assumida por ele quando se encontra com o lavrador seu vizinho. Dessa maneira, procuraremos marcar as formações imaginárias, memória discursiva e interdiscursividade em dom Quixote.

Recorte discursivo 8

[...] –Mire vuestra merced [...], yo no soy don Rodrigo de Narváez, ni el marqués de Mantua, sino Pedro Alonso, su vecino; ni vuestra merced es Valdovinos, ni Abindarráez, sino el honrado hidalgo del señor Quijana.

-Yo sé quién soy – respondió don Quijote - , y sé que puedo ser no sólo los que he dicho, sino todos los doce Pares de Francia, y aun todos los nueve de la Fama, pues a todas las hazañas que ellos todos juntos y a cada uno por sí hicieron, se aventajarán las mías.

En estas pláticas y en otras semejantes llegaron al lugar, a la hora que anochecía; pero el labrador aguardó a que fuese algo más noche, porque no viesen al molido hidalgo tan mal caballero. Llegada, pues, la hora que le pareció, entró en el pueblo, y en la casa de don Quijote, la cual

halló toda alborotada; y estaban en ella el cura y el barbero del lugar, que eran grandes amigos de don Quijote [...]. La sobrina decía:

- Yo tengo la culpa de todo, que no avisé a vuestras mercedes de los disparates de mi señor tío, para que remediaran antes de llegar a lo que ha llegado, y quemaran todos estos descomulgados libros, que tiene muchos, que bien merecen abrasados, como se fuesen de herejes.

-Esto digo yo también, dijo el cura, y a fe que no se pase el día de mañana sin que de ellos no se haga acto público, y sean condenados al fuego, porque no den ocasión a quien los leyere de hacer lo que mi buen amigo debe de haber hecho. Todo esto estaban oyendo el labrador y don Quijote, con que acabó de entender el labrador la enfermedad de su vecino, y así, comenzó a decir a voces:

-Abran vuestras mercedes al señor Valdovinos y al señor marqués de Mantua, que viene mal herido, y al señor moro Abindarráez, que trae cautivo el valeroso Rodrigo de Narváez, alcaide de Antequera (AMOROS, 1999, p. 71-72).

[...] - Saiba Vossa Mercê [...], eu não sou Dom Rodrigo de Narváez, nem o Marquês de Mântua; sou Pedro Alonso, seu vizinho; nem vossa Mercê é Valdovinos, nem Abindarráez, mas o honrado fidalgo, o senhor Quijana.

-Eu sei quem sou – respondeu Dom Quixote, – e sei que posso ser não só os que já disse, senão os Doze Pares de França, e até os nove da Fama, pois as façanhas que eles todos juntos e a cada um por si fizeram, se avantajarão as minhas.

Nessas conversações e outras semelhantes, chegaram ao lugar, a hora que anoitecia, mas o lavrador aguardou a que fosse algo mais noite, para que não vissem ao mal tratado fidalgo como um mal cavaleiro. Chegada, pois, a hora que lhe pareceu conveniente, entrou no povoado. Na casa de Dom Quixote, a qual se ouvia muitas vozes. Estavam ali o padre e o barbeiro do lugar, que eram grandes amigos de Dom Quixote [...]. A sobrinha dizia:

-Eu tenho culpa de tudo, por não ter avisado as Vossas Mercês dos disparates do senhor meu tio, para que remediassem, e não chegasse aonde chegou, e queimassem todos estes excomungados livros, que tem muito, e que merecem ser queimados, como se fossem hereges.

- Também digo o mesmo, disse o cura, e não passe do dia de amanhã sem que deles não se faça ato público, e sejam condenados ao fogo, a que não aconteça aos que venham a ler, o que aconteceu ao meu bom amigo. Tudo isto estavam ouvindo o lavrador e Dom Quixote; com isso acabou de entender aquele a enfermidade de seu vizinho, e assim, começou a dizer em altas vozes:

- Abram Vossas Mercês ao senhor Valdovinos e ao senhor Marquês de Mântua, que vem malferido e, ao senhor moro

Abindarráez, que traz cativo o valoroso Rodrigo de Narváez, prefeito de Antequera (tradução livre do pesquisador).

Dom Quixote, depois de socorrido por Pedro Alonso, seu vizinho, é levado a casa. Ao chegarem ali, as pessoas do convívio do cavaleiro se encontravam reunidas, e por falarem em altas vozes, os dois, que estavam do lado de fora perceberam que era de Dom Quixote e de sua enfermidade que estavam falando. A sobrinha do cavaleiro se sente culpada por tudo que aconteceu a seu tio, atribuindo à leitura dos livros de cavalaria a causa da loucura do cavaleiro. Por este motivo, ameaça queimá-los como se fossem bruxos (na Inquisição, as pessoas julgadas pela Igreja Católica como bruxas iam para a fogueira). Diz-nos, Amorós (1999), que a Inquisição controlava toda atividade contrária ao dogma católico, criando um ambiente de suspeita e insegurança.

Após agredir com palavras descorteses os negociantes do caminho, Dom Quixote recebeu, em consequência de sua arrogância, agressões físicas do moço de mula, ajudante dos comerciantes e, por esse motivo, vem a desmaiar. Passando por ali, um seu vizinho o socorreu e o levou a casa. Ao se restabelecer do ocorrido, não se lembra do nome do benfeitor. Pedro Alonso, que assim se chamava, passa a tratá-lo por vários nomes de personagens das novelas de cavalaria. Elenca, a seu favor, nomes de importantes personagens dos antigos romances e, ao chegarem à residência do cavaleiro, a sobrinha e os amigos não comentavam outra coisa que não fosse o desaparecimento e causa da loucura de Dom Quixote. Os dois, que se encontravam do lado de fora, ao ouvirem o que se comentava dentro da casa, foi o suficiente para que Pedro se inteirasse da loucura de seu vizinho.

O recorte discursivo 8 aponta para a posição de autoridade de Dom Quixote, que diz ter outros nomes mais importantes que aqueles. Na escala ascensional, o cavaleiro muda de nome de acordo com as batalhas enfrentadas e sempre que for necessário.

A memória discursiva e a interdiscursividade são observadas a partir dos nomes de cavaleiros famosos, como os doze *Pares de França*, que são

cavaleiros escolhidos por reis de França, chamados assim por serem todos iguais em valor, em qualidade e em valentia. *Os nove da Fama* foram três judeus: Josué, David e Judas Macabeu; três gentios: Alexandro, Hector e Júlio Cesar, e três cristãos: o rei Artur, Carlos Magno e Godofredo de Buillon. Além disso, as formações imaginárias são observadas, na medida em que, novamente, o título de dom tem o efeito de marcar a credibilidade, conduzindo o vizinho à paráfrase, ou seja, à repetição do dizer de Dom Quixote.

O recorte discursivo 9, que vamos analisar em seguida, é oriundo do capítulo V e se dá após Dom Quixote ser socorrido por seu vizinho e levado a casa, sendo esta a volta de sua primeira saída.

Neste recorte, pretendemos discutir o discurso de Dom Quixote, analisando a posição discursiva assumida por ele, quando se encontra com as pessoas reunidas em sua casa, seus amigos e as que moram com ele. Desse modo, procuraremos marcar as formações imaginárias, a interdiscursividade, as condições de produção e as formações discursivas em Dom Quixote.

Recorte Discursivo 9

[...] - Ténganse todos, que vengo malferido por la culpa de mi caballo. Lléveme a mi lecho y llámese, si fuera posible, a la sabia Urganda, que cure y cate de mis heridas (RICO, 2005, p. 81).

- Parem todos, que venho malferido por culpa do meu cavalo. Levem-me para a cama, e chamem-me, se for possível, a sábia Urganda, que me cure as feridas (tradução livre do pesquisador).

Apesar de ferido, Dom Quixote fala do lugar de cavaleiro e apropriando-se de seu discurso, dá ordens aos presentes, para que lhes conduzam a sua cama e tratem de suas feridas.

Após ser armado cavaleiro, Dom Quixote sofre a primeira derrota, acolhido por um vizinho seu que o leva a casa. O fidalgo justifica seu estado, colocando a culpa no seu cavalo e pede que lhe chamem a sábia Urganda, esposa do mago Alquife, para que cure suas feridas. Esta era uma espécie de bruxa, feiticeira e encantadora que cuidava dos personagens feridos da novela *Amadís de Gaula*. Dom Quixote imita a cavalaria andante e, tal como ali ocorria, não deixaria de valer-se da cuidadora dos cavaleiros feridos nas batalhas.

Nas formações imaginárias do cavaleiro, tudo é possível. Não só ironiza as antigas novelas de cavalaria, como também caminha na interdiscursividade com os personagens deles, já que DQ recorta destes, sofrimentos, dores e os meios para alcançar a cura. Faz da sua ama a curandeira e lhe dá um nome, uma vez que, na obra, as pessoas não são conhecidas pelo nome de batismo, mas pela profissão e/ou lugar de origem. Passam a ter um nome na medida em que assumem nova posição nas condições de produção do discurso, o que contribui para nova posição discursiva. A relação de sentido vai acontecendo após cada façanha, o que mostra que não há sentido *a priori*.

O recorte discursivo 10, que analisaremos em seguida, está inserido no capítulo VIII e se dá após a segunda saída de Dom Quixote, depois de lutar com os moinhos de vento e fazer justiça em defesa dos mais fracos.

Neste recorte, interessa-nos discutir o discurso de Dom Quixote, analisando a posição discursiva assumida por ele, ao ameaçar de morte os religiosos beneditinos que caminham juntamente com uma comitiva composta por senhoras e seus serviçais. Desse modo, procuraremos marcar as formações imaginárias, formação discursiva, interdiscurso e efeitos de sentido em Dom Quixote.

Recorte Discursivo 10

- Gente endiablada y descomunal, dejad al punto a las altas princesas que en ese coche lleváis forzadas; si no, aparejaos a recibir presta muerte, por justo castigo de vuestras malas obras. [...] - Señor caballero, nosotros no somos endiablados ni descomunales, sino dos religiosos de San Benito que hacemos nuestro camino, y no sabemos si en este coche vienen, o no, ningunas forzadas princesas.

- Para conmigo no hay palabras blandas; que ya yo os conozco, fementida canalla - dijo don Quijote (RIQUER, 1992, p. 93-94).

- Gente endiabrada e descomunal deixe agora, nesse momento as altas princesas que nesse carro levais forçadas; senão, aprontai-vos para receber a morte imediatamente, por justo castigo de vossas malfeitorias.

- Senhor cavaleiro, nós não somos nem endiabrados nem descomunais; somos dois religiosos beneditinos que vamos nossa jornada; não sabemos se nesse carro vêm, ou não, princesas forçadas.

- Para comigo não há palavras brandas, que já vos conheço canalha descarada, disse dom Quixote (tradução livre do pesquisador).

Depois de haver lutado com os moinhos de vento, apesar de derrotado, Dom Quixote segue seu caminho. Em seguida, encontra dois beneditinos que caminham ao lado de um carro que conduz senhoras. O cavaleiro agride os religiosos com palavras descorteses, chamando-lhes de “endiabrados” e “descomunais”.

Os monges explicam que vão em sua jornada e não sabem se aquele carro leva alguma princesa de forma forçada. Novamente, são tratados com outras agressões. Dom Quixote, apropriando-se de sua força de cavaleiro e falando desta posição, ameaça-lhes de morte imediata, pois em suas formações imaginárias, os monges do caminho não passam de malfeitores.

A formação discursiva se insere no interdiscurso de que estes são raptos de princesas que encontram no caminho. Com isso, DQ desloca o discurso aos romances de cavalaria, ironizando-os no tocante à elegância e riqueza de seus personagens, trasladando os efeitos de sentido do antigo para o moderno.

Dom Quixote, como cavaleiro, se sentia autorizado a combater todos os abusos que iam de encontro aos desvalidos, com isso, se sentia poderoso para fazer justiça, mas as palavras pronunciadas por ele não tinham valor, já que *era um louco*. E a palavra deste, desde a alta Idade Média, era considerada nula.

Foucault (2010) afirma que, na Europa, à palavra do louco não se dava crédito. Provavelmente, por isso, os poderosos da época se divertiam tanto com as peripécias do cavaleiro.

De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia. Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas (FOUCAULT 2010, p.11).

Partindo desse pressuposto, para os inquisidores, a palavra de Dom Quixote não libertava os oprimidos, mas divertia os opressores e, provavelmente, com isso, a obra de Cervantes não foi proibida, pois, caso fosse, não havia recebido a autorização real para ser publicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (BATALHAS FINAIS)

“La mayor locura que puede hacer un hombre en esta vida es dejarse morir”.

Miguel de Cervantes

“O pré-construído é o sempre já-lá da interpelação ideológica que fornece-impõe a realidade de seu sentido sob a forma de universalidade”.

Michel Pêcheux

Tendo optado por compreender a obra de Cervantes à luz da análise do discurso de Michel de Pêcheux, podemos afirmar que a obra Dom Quixote nos permitiu perceber que se trata de uma crítica às injustiças sociais através da ironia e do humor.

Como conclusão de nosso estudo, realizado a partir da análise dos recortes dos capítulos II, III, IV, V e VIII do tomo I dessa obra, temos a considerar que, apoiando-nos em estudiosos de Cervantes, conseguimos realizar uma síntese da literatura espanhola do chamado Século de Ouro, direcionada à vida, sobre o aspecto civil, religioso e militar.

Em relação ao autor Cervantes, quanto a sua trajetória de vida, em relação às suas viagens desde seu país, passando pela Itália a serviço da igreja até a África, quando lutou como soldado na guerra de Lepanto, esse autor ao regressar, buscou incessantemente por um posto de trabalho. Esta procura lhe trouxe muitos desgostos, humilhações e injustiças, a ponto de ser desprezado pelo próprio rei Felipe II, que promoveu o conflito. Em consequência dessa busca ininterrupta pela sobrevivência, ele perdeu o braço esquerdo, foi encarcerado por várias vezes, inclusive em uma delas, servia ao dito monarca, quando ocupava o posto de alcavala na cidade de Sevilha. Percebemos nesse estudo, que a própria vida de Cervantes também está na interdiscursividade de sua obra de ficção Dom Quixote de La Mancha.

Cervantes tinha uma cultura livresca e, por este motivo, sua obra apresenta uma interdiscursividade com a antiguidade greco-latina e até mesmo com a modernidade, uma vez que Cervantes era muito atento ao que estaria

por vir. Em sua época, os que se dedicavam ao ofício de escrever, não tinham liberdade de expressão, de um lado tolhidos pela Igreja, por outro pela nobreza, que era quem autorizava as publicações. Por esse motivo, escrever era estar submisso ao domínio inquisitorial, ocupando a mesma formação discursiva/ideológica do poder. Apenas dessa forma, era possível publicar livros, ou estes não eram liberados e o autor, julgado pela Inquisição, muitas vezes, era queimado pela fogueira.

Cervantes conseguia escrever sua obra e, ao mesmo tempo, questionar e criticar o poder. Dom Quixote, seu personagem principal, driblava os inquisidores com humor e ironia e, segundo afirmam Gaos *apud* Salas (1988) e Santos *apud* Basanta (2005), fingia loucura ao libertar os oprimidos. A despeito dessas estratégias, no século XVII a obra é considerada hilariante. Criou-se o hábito de quando alguém ria, se dizia ser louco, ou estava lendo Dom Quixote, assim nos afirma Lacarta (1988, p.161).

Cervantes se empenhou em desmontar a maquinaria andante, inserindo o personagem Dom Quixote que não tinha a mesma formação discursiva dos andantes da antiga cavalaria, já que estes seguiam o discurso religioso, e aquele como atípico, seguia o de uma falsa loucura. Por essa artimanha, o personagem não era entendido pelos inquisidores e, por isso, era perdoado e aplaudido.

Apesar de conhecer a formação discursiva dos inquisidores, o autor apresenta Dom Quixote como alguém que reverte a ordem do discurso, surrando os religiosos, produzindo um efeito de vingança à fonte geradora do pecado. Nas suas condições de produção, o cavaleiro traz a tona o efeito hilariante e por isso, não era castigado, mas, perdoado e aplaudido.

Quanto à análise do discurso (item 1.2), convocamos os autores da análise do discurso, a partir da aliança Pêcheux-Dubois, até a publicação do livro *Análise Automática do Discurso*, visando facilitar o desenvolvimento do objeto de análise dessa época (AD-1).

Logo a seguir (AD-2), Pêcheux é influenciado por Foucault com a concepção de formação discursiva, que começa a explodir a noção de máquina fechada da Análise do Discurso (AD-1), e também por Authier-Revuz, que introduziu a distinção entre heterogeneidade mostrada e constitutiva.

A desconstrução da máquina discursiva começa a partir da AD-2, mas só acontecerá mesmo na AD-3. Isso ocorre no que diz respeito à superposição de uma FD com outras. Os discursos que atravessam uma formação discursiva não são independentes uns dos outros, mas se formam no interior de um interdiscurso.

No item (1.3) articulamos Dom Quixote e Análise do Discurso, com a finalidade de explicar ao leitor a respeito do objeto de estudo e da teoria discursiva. Acerca desses dois saberes, comparamos e aproximamos os autores, como por exemplo, na desconstrução da maquinaria discursiva e da cavalaria e também para refletir sobre as condições de produção dos autores durante a escrita de suas obras e teoria, respectivamente. Com isso, articulamos momentos importantes e que refletiram na obra desses dois intelectuais em épocas tão separadas, procurando marcar semelhanças na obra e nas condições de produção.

Onde cabe um personagem, que, apesar de ser de papel e ser visto como louco, portanto, marginalizado, conseguiu driblar a Inquisição, não ocupando a mesma formação discursiva dela, mas, ao contrário, desidentificando-se dessa e inserindo-se em uma nova formação discursiva.

Segundo as formações ideológicas da sociedade, há um lugar discriminado para o louco, já que ele é anormal. Neste sentido, as suas relações com outros sujeitos mudam de dominado a dominador, o que já é uma condição de produção.

Pensar o sujeito Dom Quixote, como analista, é pensa-lo numa posição que o retire deste lugar e o insira em outro, em outra situação de integração social: a de cavaleiro andante, embora atípico, mas que protege os desvalidos, enfrentando as mais diversas situações, mesmo as mais perigosas, castigando os poderosos, os inquisidores, embora para isso tivesse que fingir loucura.

Essa novela se passa no período chamado de Século de Ouro, em plena Inquisição, em que, a Igreja detinha o poder e somente ela definia quem poderia ter voz e escrita. Só era possível enunciar a partir da mesma formação discursiva cristã. Para tanto, Cervantes criou o seu Dom Quixote, um “louco” para os leitores, e que na sua loucura ocupava o seu lugar de dizer, trazendo a interdiscursividade com o discurso religioso cristão, mas, ao mesmo tempo,

discutindo acerca de temas até hoje polêmicos, como a prostituição, por exemplo.

Portanto, o estudo de Dom Quixote, como obra da literatura universal, nos levou a compreender a literatura vigente que estava atrelada ao poder religioso. Embora seja uma obra de muitos olhares, esse estudo nos facilitou a compreensão através da análise do discurso segundo a teoria de Pêcheux, em que foi possível a sistematização dos fundamentos teórico-metodológicos ao estudar a obra de Cervantes, como a mais importante da literatura espanhola e mundialmente reconhecida como obra de ficção. Dessa forma, analisamos condições de produção, memória, formações discursivas e ideológicas e interdiscursividade, a partir do discurso do personagem criado por Cervantes, o cavaleiro Dom Quixote de La Mancha.

Finalmente, acreditamos ser importante afirmar que este trabalho não se encontra concluído, porque a obra “Dom Quixote de La Mancha” não se esgota. Sempre existirá a presença do novo, embora pareça contraditório, principalmente para aqueles que a veem como uma obra antiga e ultrapassada. Também é importante registrar que este trabalho está aberto a novos olhares, a diferentes leituras, novos questionamentos e discussões. Esperamos que produza reflexões e contribuições para a obra de relevância universal, bem como para os estudos da Análise do Discurso de linha francesa.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Amado; UREÑA, Pedro Henríquez. **Gramática Castellana**. 15ª edición. Buenos Aires: Editorial Losada, S. A., 1957.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 9. ed. RJ: Graal, 2003.
- ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias (Orgs.). **Linguagem e educação: fios que se entrecruzam na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée e hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: DRLAV – Revue de Linguistique, n. 26, 1982.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). IN: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: Editora da UNICAMP, dez. 1990.
- AVALLE-ARCE, J. B. Cervantes y El Quijote. In: Rico; Estrada (Orgs.). **Historia y Crítica de la Literatura Española II Siglos de Oro: Renacimiento**. Barcelona, Espanha: Editorial Crítica, 2004.
- BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Orgs.). **Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BIBLIA. Espanhol. **La Biblia: Dios habla hoy**. 2. ed. Tradução das Sociedades Bíblicas Unidas. México, DF. Impresso na Coreia, 1992.
- BRANDÃO, M. H. N. **A subjetividade no discurso**. In: NASCIMENTO, E. M. F. S. & GREGOLIM, M. do R. V. (Orgs.) Problemas atuais na Análise do Discurso. Araraquara, SP: Editora da Unesp, n.1, 1994.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COURTINE, Jean-Jacques; MIRANDIM, J. M. Quel Object pour l'analyse du discours? Materialités discursives. Lille, Press Universitaires, 1994.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- DÍAZ-PLAJA, Guillermo. **Historia de la literatura española encuadrada en la universal**. 12ª. edición. Buenos Aires: Editorial Ciordia, S. R. L., 1971.
- FALCÓN, Lidia. **Amor, sexo y aventura en las mujeres del Quijote**. Barcelona: Editorial Hacer, 1997.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso in: **Organon**, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 24, n. 48, p. 17-34. 2010.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do Discurso, Heranças e filiações: uma questão mal resolvida in: GREGOLIN, Maria do Rosário; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). **Análise do Discurso: Heranças, métodos e objetos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.

Folha de São Paulo digital (FOLHA ONLINE, 2012, p. ?); Cadernos de História RGS (2002).

FUENTES, Carlos. Cervantes o la crítica de lectura. Alcalá de Henares, España: Biblioteca de Estudios Cervantinos, 1994.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). **Análise do Discurso: Heranças, métodos e objetos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.

INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNSTPEREIRA, A.; FUNCK, S.B. (Orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001. p.27-42.

JONES, R. O. **Historia de la literatura española 2**. Siglo de Oro: prosa y poesía. 13ª edición. Barcelona: Ariel, 1998.

LACARTA, Manuel. **CERVANTES simbología de lo universal**. Madrid: Silex, 1988.

LAJOLO, Marisa Lobato. Um Dom Quixote no caminho da leitura in **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6a. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002, p 94-109.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NABOKOV, Vladimir. **Curso sobre el Quijote**. Barcelona: ZETA, 2009.
OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Projetos, relatórios e textos na educação básica**. 2. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas de discurso**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PARKER, Geoffrey. **Felipe II**. 4ª edición. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
Pêcheux, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. A análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Analyse Automatique du Discours**. Paris: Dunod, 1969.

PÊCHEUX, M. **Semántica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a.

PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

RILEY, E. C. **Introducción al Quijote**. Barcelona: Crítica, 2004.

RIQUER, Martín de. **Aproximación al Quijote**. Navarra, España: Salvat, 1970.
RIQUER, Martín de. **Para leer a Cervantes**. Barcelona: Acantilado, 2005.

ROSENBLAT, Ángel. **La lengua del “Quijote”**. Madrid: Gredos, 1995.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **Don Quijote de La Mancha**. Edición Cultural dirigida por Andrés Amorós. Madrid: Editorial SM, 1999.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **Don Quijote de La Mancha**. Edición de Martín de Riquer. Barcelona: Planeta, 1992.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **Don Quijote de La Mancha**. Edición de John Jay Allen. Madrid: Cátedra, 1996.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha**. Edición de Ángel Basanta. Madrid: ANAYA, 2005.

SALAS, Miguel. **Don Quijote de La Mancha**. Barcelona: Punto Clave, 1988.

SÁNCHEZ, Aquilino. **Entre Nosotros Nivel III**. 1ª edición. Madrid: SGEL, S. A., 1983.

ZUBIZARRETA, Armando; LAFUENTE, Alma Flor Ada. **Lengua Castellana**. Lima, Perú: Colegio A, Humboldt, 1970.

APÊNDICES



Figura 1

O Enterro do Conde de Orgaz – Pintura de El Greco

Supõe-se que o homem ao centro entre três cavalheiros (da direita ou da esquerda) seja Cervantes.



Figura 2

Praça da Espanha – Dom Quixote e Sancho Pança em bronze